



ALGUMAS FERRAMENTAS SUGERIDAS POR A.A. PARA TRABALHARMOS O SENTIMENTO DE INFERIORIDADE

Por: Edson H.

No livro "NA OPINIÃO DO BILL", em seu índice, quando procuramos por "inferioridade" encontramos a observação `veja inadequabilidade ". Portanto", inferioridade "e" inadequabilidade "foram colocadas na mesma panela".

1. "A verdadeira ambição e a falsa".

Concentrávamos muito em nós mesmos e naqueles que nos cercavam. Sabíamos que éramos cutucados, por medos ou ansiedade descabidos, a uma vida que levava à fama, dinheiro e ao que supúnhamos que fosse liderança. Assim, o falso orgulho tornou-se o outro lado da terrível moeda com a marca do "medo". Simplesmente tínhamos que ser a pessoa mais importante, a fim de encobrir nossas inferioridades mais profundas."(pág. 46)".

FERRAMENTA: "A verdadeira ambição não é aquilo que achávamos que era. Ela é o profundo desejo de viver de maneira útil e caminhar humildemente, sob a graça de Deus".(pág. 46);

2. "Ver desaparecer a solidão".

Quase sem exceção, os alcoólicos são torturados pela solidão. Mesmo antes de nossas bebedeiras se tornarem graves e as pessoas começarem a se afastar de nós quase todos sofremos a sensação de estarmos sós. Ou éramos tímidos e não nos atrevíamos a nos aproximar dos outros, ou éramos capazes de ser bons sujeitos, sempre desejando ardentemente a atenção e o companheirismo, mas raramente conseguindo. Sempre existia aquela barreira misteriosa que não conseguíamos vencer nem entender.

Essa é uma das razões pela qual amávamos tanto o álcool. Mas até Baco nos traiu; ficamos finalmente arrasados e calmos numa terrível solidão."(pág. 90)".

FERRAMENTA: "A vida adquire um novo sentido em A.A. Ver pessoas se recuperarem, vê-los ajudarem os outros, ver desaparecer a solidão, ver crescer uma fraternidade ao redor de você, ter um grande número de amigos - essa é uma experiência que não deve ser perdida".(pág. 90);

3. "Vitória na derrota".

Convencido de que nunca poderia fazer parte e jurando nunca me conformar com o segundo lugar, eu sentia que simplesmente tinha que vencer em tudo que quisesse fazer: trabalho ou divertimento. Como essa atraente fórmula de boa-vida começou a dar resultado, de acordo com minha ideia de sucesso, tornei-me delirantemente feliz. Mas quando acontecia de um empreendimento falhar, me enchia de ressentimento e depressão que só podia ser curado com o próximo triunfo. Portanto, muito cedo comecei a avaliar tudo em termos de vitória ou derrota - "tudo ou nada". A única satisfação que eu conhecia era vencer."(pág. 135)".

FERRAMENTA: "Somente através da derrota total é que somos capazes de dar os primeiros passos em direção à libertação e à força. Nossa admissão de impotência pessoal finalmente vem a ser o leito de rocha firme, sobre o qual podem ser construídas vidas felizes e significativas" .(pág.135)

4. "Defeitos e reparações".

Mais que a maioria, o alcoólico vive uma dupla vida. É um verdadeiro ator. Para as pessoas de fora ele se apresenta como se estivesse no palco. Isso é o que ele quer que os outros vejam. Quer gozar de uma certa reputação, mas sabe, do fundo do coração, que não a merece."(pág. 140)";

"O sentimento de culpa é realmente o reverso da moeda do orgulho. O sentimento de culpa visa à autodestruição, e o orgulho visa a destruição dos outros." (pág.

140);

FERRAMENTA: "O inventário moral é um exame ousado dos danos que nos ocorreram, durante a vida, e um sincero esforço para vê-los em sua verdadeira perspectiva. Ele tem o efeito de tirar o veneno de dentro de nós, a substância emocional que abate ou inibe ainda mais".(pág. 140);

5. "Apenas tentar".

Em minha adolescência eu tinha que ser um atleta, porque não era atleta. Tinha que ser um músico, porque não podia entoar a melodia mais simples. Tinha que ser o líder de minha classe no internato.

Tinha que ser o primeiro em tudo, porque em meu coração perverso eu sentia em mim mesmo a última das criaturas de Deus. Não podia aceitar minha profunda sensação de inferioridade, e assim me tornei capitão do time de beisebol, e assim aprendi a tocar violino. Tinha que ser sempre o líder. Foi essa espécie de exigência "tudo ou nada" que mais tarde me destruiu. (pág. 214)

FERRAMENTA: "Estou contente porque você vai tentar esse novo trabalho. Mas esteja certo de que vai apenas "tentar". Se você tiver a atitude de que "devo ser bem-sucedido, não devo falhar, não posso falhar", então você praticamente vai garantir o fracasso, que por sua vez vai garantir sua recaída na bebida. Mas se você considerar o empreendimento, como apenas uma experiência construtiva, então tudo sairá bem." (pág. 214);

6. "Já não estamos sozinhos".

O alcoolismo significa solidão, embora estivéssemos cercados de pessoas que nos amavam. Mas quando "nossa prepotência afastou todo mundo e nosso isolamento foi completo, começamos a bancar o importante em botequins de última categoria. Quando também isso acabou, tivemos que perambular, sozinhos, pela rua para depender da caridade dos transeuntes" .

Ainda procuramos encontrar a segurança emocional, dominando ou nos fazendo dependentes dos outros. Mesmo quando nossa sorte não era das piores, não obstante nos encontramos sozinhos no mundo. Ainda inutilmente procuramos obter segurança, através de algum tipo de domínio ou dependência." (pág. 252)".

FERRAMENTA UM: Para aqueles de nós que eram assim, A.A. teve um significado muito especial. Nessa Irmandade começamos a aprender a nos relacionar bem com as pessoas que nos compreendem; não temos mais que estar sozinhos."(pá g. 252)".

FERRAMENTA DOIS: (extraída do livrete "O MELHOR DE BILL"): "... Ajudado por qualquer Graça que pudesse obter através da oração, cheguei à conclusão de que eu tinha de apelar para toda minha força de vontade e ação para eliminar estas defeituosas dependências emocionais das pessoas, de A.A., na verdade, de

qualquer conjunto de circunstâncias" .(pág. 58).

"... Se examinarmos todo distúrbio emocional que temos, leve ou sério, encontraremos na origem do mesmo alguma dependência doentia e a exigência igualmente doentia que dela deriva. Renunciemos de maneira contínua, com a ajuda de Deus, a essas exigências claudicantes. Então podemos sentir nos livres para viver e amar".(pág. 61).

Edson H.

A TURMA DO LIVRO AZUL

PERDÃO NO LIVRO AZUL

Versão B 04/07/2000

Essa é a continuação de nossa discussão a respeito do perdão. Caso você não tenha chegado aqui vindo de:

[Perdoar](#)**Perdão, o Passo que Falta.**

Então,por favor volte e o leia antes de continuar nesse link.

Nosso Livro Azul (Alcoólicos Anônimos) tem muito a dizer sobre ressentimentos e perdão. Aproveite

ABRIGAR RESENTIMENTOS É FATAL.

Nós estamos relutantes em repetir o livro. No entanto, algumas das afirmações que faz não podem ser deixadas de comentários. Se formos ler a página 66 de novo, vamos notar que o poder do ressentimento excede em muito qualquer concepção que temos de pensamento negativo. Você esta sabendo que:

- ...a vida que inclui ressentimentos profundos leva **somente** à futilidade e infelicidade.

- As horas nas quais permitimos a futilidade e a infelicidade em nossa vida não valem a pena . Ressentimentos desgastam as nossas vidas.

- Os ressentimentos nos fecham para a iluminação do Espírito, desta forma impedindo a manutenção e o crescimento de uma experiência espiritual.

- Quando apartados da luz do Espírito, a insanidade do álcool retorna, bebemos de novo, e morremos.

- Abrigar ressentimentos é **fatal**.

Imediatamente, **isso tem de ser feito!** Há clara evidência de que os ressentimentos criam um veneno em nosso corpo ,somando-se às enfermidades mentais e espirituais que alimenta.

ERRADICANDO RESENTIMENTOS

Como nós nos livramos dos ressentimentos? Felizmente, esse processo começa no 4º passo . Nossa lista traz a **chave** .

a) Atente para os títulos das colunas de nosso inventário : (1)

Coluna 1: Em relação a **quem** você guarda ressentimento?

Coluna 2: O que eles fizeram que você considerou ofensivo

Coluna 4: Como você contribuiu para essa ação? E

Coluna 3: Porque você reagiu criando ressentimento

(1) Nota do tradutor: Na Edição para o Brasil há apenas três colunas ;

a saber:

Coluna 1: Tenho ressentimento de

Coluna 2: A causa é

Coluna 3: Onde me afeta

A primeira lição é que os ressentimentos não podem ser removidos a menos que saibamos que os temos, e por qual motivo. A segunda lição é que nós nos tornamos extremamente vulneráveis ao mundo exterior. Nosso autoconceito foi moldado por opiniões e ações dos outros e pelo nosso velho pensamento de como deveríamos ser.

b) Em seguida, é necessário *estar querendo* livrar-se do ressentimento. Você aprenderá mais a esse respeito no Sexto Passo . Além do mais – e o Livro Azul não nos dá tanta ajuda quanto poderia, Somos obrigados a perdoar a pessoa de quem nos ressentimos. Haverá mais discussão a respeito de perdoar os outros

no Oitavo Passo. Simplesmente aceite desde já que você deverá fazê-lo! Não há outro caminho.

A **ferramenta certa** que o Livro Azul lhe dá é a frequentemente repetida noção de que sua vida esta agora em uma *base* diferente. A *base* é a fundação – na qual todo o resto se apoia . Sua nova *base* é confiar e entregar-se em Deus .

A ARTE DO PERDÃO

Reimpresso do Livro Azul (Alcoólicos Anônimos) e Doze Passos e Doze Tradições

Não podemos ajudar a todas as pessoas, mas pelo menos Deus nos mostrará como sermos bons e tolerantes para com todos. Voltemos mais uma vez à nossa relação. Esquecendo os maus tratos que outros praticaram, procuramos resolutamente nossos próprios erros. Onde fomos egoístas, desonestos, interesseiros e medrosos? Embora certa situação não tivesse sido criada inteiramente por nossa culpa, tentamos desconsiderar a outra pessoa por completo. Onde foi que falhamos? O inventário era nosso, não da outra pessoa. (Livro Azul pag. 81 §2º linha 7)

Se lamentamos o que fizemos e temos o sincero desejo de deixar que Deus nos leve a coisas melhores, acreditando sermos desculpados, teremos aprendido uma lição. Se não temos remorso e nossa conduta continua a prejudicar aos outros, é quase certo que voltaremos a beber. Não estamos teorizando. Estes são fatos baseados na nossa experiência. (Livro Azul pag. 83 § 4º linha 25)

Surgirá a pergunta de como aproximarmo-nos da pessoa à qual odiamos. Pode ser que ela nos tenha prejudicado mais do que nós a ela, e ainda que possamos ter adotado atitude melhor junto a essa mesma pessoa, não estamos ansiosos por admitir nossos erros. No entanto, com as pessoas das quais não gostamos, tomamos uma decisão. É mais difícil aproximar-se do inimigo do que do amigo, mas isto nos é muito mais benéfico. Vamos a ele com espírito de ajuda e tolerância, confessando nossa hostilidade anterior e expressando- lhe nosso arrependimento.

De forma alguma criticaremos sua pessoa ou discutiremos (Livro Azul pag. 89 § 2º linha 23)

Quando nos deitamos, à noite, revisamos construtivamente nosso dia. Fomos ressentido, egoístas, desonestos, medrosos? Devemos a alguém alguma desculpa? Estamos guardando algo em segredo, que deveria ser discutido logo com outra pessoa? Fomos bondosos e amáveis com todos? Que poderíamos ter feito melhor? Estivemos pensando em nós mesmos a maior parte do tempo? Ou pensamos no que deveríamos fazer pelos outros, no que poderíamos fazer na vida corrente? Mas, devemos cuidar de não cair na inquietação, no remorso ou na reflexão mórbida, pois isso diminuiria nossos préstimos aos outros. Após fazer nossa revisão, pedimos perdão a Deus e Lhe perguntamos quais as medidas que devemos tomar para melhorar. (Livro Azul pág 96 § 3º linha 20)

Este passo vital também foi o meio pelo qual começamos a ter a sensação de que poderíamos ser desculpados, não importa o que havíamos pensado ou feito. Frequentemente, enquanto dávamos este passo com nossos padrinhos ou conselheiros espirituais, pela primeira vez, nos sentíamos verdadeiramente capazes de desculpar os outros, não importa quão profundamente nos houvessem maltratado. Nosso inventário moral nos havia persuadido de que o perdão geral era desejável, mas foi somente quando demos o Quinto Passo com resolução que *soubemos*, em nosso íntimo, que poderíamos aceitar o perdão e perdoar também. (12 Passos pag. 47 § 3º linha 20)

Tais obstáculos, contudo, são muito reais. O primeiro, e um dos mais difíceis, diz respeito ao perdão. Desde o momento em que examinamos um desentendimento com outra pessoa, nossas emoções se colocam na defensiva. Evitando encarar as ofensas que temos dirigido a outro, costumamos salientar, com ressentimento, as afrontas que ele nos tem feito. Isto acontece especialmente quando ele, de fato, tenha se comportado mal. Triunfalmente nos agarramos à sua má conduta como uma desculpa perfeita para minimizar ou esquecer a nossa.

Deveríamos, a essa altura, nos deter bruscamente. Não faz sentido um autêntico beerrão roto, rir-se do esfarrapado. Lembremo-nos de que alcoólicos não são os únicos atingidos por emoções doentias. Além do mais, geralmente é um fato o de que, quando bebíamos, nosso comportamento agravava os defeitos dos outros. Repetidamente abusamos da paciência de nossos melhores amigos a ponto de esgotá-los, e despertamos as piores reações naqueles que, desde o início, não gostaram de nós. Em muitos casos estamos, na realidade, em frente de co-sofredores, pessoas que tiveram suas desditas aumentadas pela nossa contribuição. Se estamos a ponto de pedir perdão para nós mesmos, por que não começar por perdoar a todos eles? (12 Passos pag. 68 § 1º e 2º linha 5)

OITAVO PASSO Haveremos de querer nos apegar à decisão as coisas que *nós* temos feito, ao mesmo tempo em que desculpamos as injúrias feitas à nós, sejam elas reais ou imaginárias. Deveríamos evitar os julgamentos extremos, tanto de nós mesmos quanto das outras pessoas envolvidas. Não devemos exagerar nem os nossos defeitos, nem os deles. Um exame calmo e objetivo será nossa firme intenção. (12 Passos pag. 71 §2º linha 28). Em todas essas

situações necessitamos de autodomínio, análise honesta do ocorrido, disposição para admitir nossa culpa e, igualmente, para desculpar as outras pessoas (12 Passos pag. 79 § 1º linha 1) ...que onde houver o erro, que eu possa levar o perdão...É perdoando que se é perdoado (12 Passos pag. 86).

Pedi a graça de poder levar a todos os necessitados o amor, a união, a fé, a verdade, a esperança, a alegria e a luz. (12 Passos pag. 88 § 1º linha 8)

Ele achava melhor consolar que ser consolado; compreender que ser compreendido; perdoar que ser perdoado. (12 Passos pag. 88 § 2º linha 16)

Finalmente, a aceitação comprovou ser a chave de meu problema com a bebida. Após frequentar A.A. por sete meses, me afastando do álcool e pílulas, não conseguindo que o programa funcionasse muito bem, eu finalmente fui capaz de dizer, “ O.K. Deus. É verdade que eu – - de todas as pessoas, por estranho que possa parecer, e mesmo que não dê a minha permissão - - realmente, realmente sou um alcoólico daqueles, é isso mesmo. E agora, que vou fazer a respeito disso? “ Quando parei de viver no problema e comecei a viver na resposta, o problema desapareceu. A partir deste momento, não senti mais a menor compulsão de beber.

E aceitação é a resposta para *todos* os meus problemas hoje. Quando estou perturbado, é porque encontrei em alguma pessoa , lugar, coisa, ou situação – algum fato da minha vida – inaceitável para mim, e não consigo alcançar a serenidade até que aceite essa pessoa, lugar, coisa, ou situação exatamente da maneira como deveria ser nesse momento. Nada, absolutamente nada acontece no mundo de Deus por engano. Enquanto eu não podia aceitar meu alcoolismo, não poderia permanecer sóbrio, a menos que aceite a vida da forma como ela realmente é , não posso ser feliz. Não devo me concentrar tanto no que precisa ser mudado no mundo mas sim no que precisa ser mudado em mim e nas minhas atitudes. (Big Book, pag. 448) (2) Este, bem como o depoimento a seguir não constam da tradução para o português do Livro Azul.

Um manhã, no entanto, me dei conta de que precisava me livrar disso, pois o tempo em que podia adiar fazê-lo estava se esgotando e que se eu não me livrasse acabaria me embebedando – e eu não queria mais ficar bêbado. Nas minhas preces nesta manhã pedi a Deus que me mostrasse uma forma de me livrar desse ressentimento. Durante o dia, um amigo me trouxe umas revistas para que eu as levasse a um grupo em um hospital no qual eu tinha interesse. Dando uma rápida olhada nelas, e um “banner” atravessado na capa de uma delas destacava um artigo de um clérigo proeminente, e me atraiu a atenção a palavra ressentimento.

Ele dizia,em síntese: “ Se você tiver algum ressentimento do qual deseje se libertar, se você rezar para a pessoa ou a coisa do qual se ressentente, você se libertará. Se você pedir na prece que tudo o que você deseja para você seja dado a eles, você ficará livre. Peça pela saúde, prosperidade, felicidade deles, e você ficará livre. Mesmo que você verdadeiramente não deseje isso para eles, que sua preces são apenas palavras e não seu desejo real, vá em frente e reze assim mesmo. Faça isso diariamente por duas semanas e descobrirá que começou a ,

realmente , sentir e desejar isso para eles, e você descobrirá que quando costumava sentir amargura e ressentimento e ódio, agora sente compaixão compreensiva e amor.”

Funcionou comigo, e tem funcionado várias vezes desde então, e funcionará quantas vezes eu me dispuser a trabalhá-la. Algumas vezes preciso primeiro pedir por força de vontade, mas essa também sempre vem. Como funciona para mim, funcionará para todos nós. Como diz um outro grande homem: “ A única verdadeira liberdade que um ser humano poderá conhecer e fazer aquilo que deve fazer simplesmente porque quer fazê-lo.”

Essa grande experiência que libertou-me da servidão do ódio e substituiu-o por amor é realmente outra afirmação da verdade que sei: Eu tenho tudo o que necessito em Alcoólicos Anônimos tudo o que necessito eu recebo - - e quando recebo o que necessito invariavelmente descubro que isso é exatamente *o que queria o tempo todo* . (Big Book, pag. 552)

Essa discussão continua nos seguintes links:

Parachin **Victor M. Parachin: Como Perdoar: 10 Guias**

Errico..... .. **A Oração do Senhor e Perdão**

E.Fox **Emmet Fox: Perdão no Sermão da Montanha**

Ou,talvez queira voltar para:

T.L. Azul **Perdoar, o passo que falta**

Nota do tradutor:

Como referencia às obras em Português,utilizamos :

Alcoólicos Anônimos – Não consta edição nem data de impressão, mas eu o comprei em 1987 no Grupo Três Legados,Rio de Janeiro,RJ

Os Doze Passos – 1ª Edição em Português – maio 1972

As Doze Tradições – 7ª Edição em Português – abril 1987

The BIG BOOK BUNCH

PERDOAR – O PASSO QUE FALTA

Versão J 15/12/2001

THE BIG BOOK BUNCH

(A TURMA DO LIVRO AZUL)

Nós somos o grupo “ The Big Book Bunch “ de Alcoólicos Anônimos . Nossa origem é o grupo Estudantes do Livro Azul, que vem se reunindo em Woodland Hills, Califórnia desde Dezembro de 1985. Nossos objetivos são: vivenciar o processo espiritual, através do qual a sobriedade é obtida e aprimorada, e publicar (gratuitamente) nossa experiência, para outros alcoólicos em recuperação. Nós não temos absolutamente afiliação à qualquer organização ou causa a não ser a nossa filiação individualmente como membros de A.A.

Nosso material escrito não é literatura oficial de A.A. mas no entanto, contém informação do Big Book (Alcoólicos Anônimos) e outra literatura aprovada pela Conferência, registrada e publicada por Alcoólicos Anônimos. Todo material de A.A. utilizado, é acompanhado pela devida referência à sua fonte. Referências em nossos documentos ao Livro Azul, excluem suas histórias (depoimentos). Está incluído todo material desde sua capa frontal até a página 164, mais os Apêndices I (Tradições) e II (Experiência Espiritual).

Você pode reproduzir matéria do Big Book Bunch, observando que: a) as fontes do material (AA ou The BBB) sejam citadas, b) que nada seja cobrado pela sua divulgação, e c) que não seja distribuído por organização ou procedimento que cobre taxas. Caso tenha correções ou melhoramentos a fazer, por favor nos comunique utilizando a Caixa Postal ao pé do artigo.

Nós tratamos de uma discussão sobre a disposição de perdoar. Primeiramente ressaltaremos, caso você ainda não saiba, que os alcoólicos tendem a se sentir vitimados por pessoas, lugares, objetos e o cosmos em geral. Como se isso não fosse o bastante, nós alcoólicos, também carregamos mágoa, de que nos tenha sido feito, ou deixado de fazer por nós.

Nos parágrafos seguintes, exploraremos as implicações de carregarmos os ressentimentos conosco. Se não conseguimos, nos livrar dos ressentimentos, por outro lado, às vezes nos deparamos com a ferramenta de (última geração) para a erradicação - perdoar aqueles de quem nos ressentimos. A natureza do perdão é investigada, e , finalmente, são apresentadas técnicas para alcançar o perdão. A nossa discussão a respeito do perdão é elaborada através de links em quatro páginas adicionais. É melhor, acreditamos, que seja vista na ordem em que está listada.

ALCOÓLICOS TEM ORGULHO DO RESENTIMENTO

A maior parte dos alcoólicos tem um profundo – quase patológico – senso de justiça. Se nós fomos enganados (significando frequentemente que não conseguimos o que queríamos), ou nos apegamos à ideia de que poderíamos ter sido enganados, encontramos plena justificação para expressar raiva ou abrigar ressentimentos. Nesse caso parece quase que um dever carregar um ressentimento justificado. Caso contrário, aqueles que nos enganaram se livrariam impunes. E isto não estaria certo; concordam? Portanto, desperdiçamos nossas vidas, recebidas de Deus, julgando e punindo nossos semelhantes. Abandonar um ressentimento justificável, é sabidamente, uma das experiências mais difíceis para um alcoólico.

Se você pesquisar a palavra ressentimento em nosso dicionário, você vai encontrar:

Ressentir é também utilizado em outros sentidos que nos parecem estranhos, tais como “sentir dor” ou “perceber pelo odor”(1). O fio que mantém esses sentimentos unidos é a noção de sentir ou perceber ...de novo.

Para o alcoólico ressentimento é o reviver a ofensa que nos feriu antes de tudo.. Pense nisto. Nós sentimos estar punindo as pessoas por seus erros, quando, na verdade, queremos voltar a sentir a ferida de novo...de novo...de novo – entendeu? Ressentis não faz mais sentido, da mesma forma que não o faz, a nossa antiga bebida. Algo está distorcido no cérebro, pensamos.

(1) N.T.: Isto se dá na língua inglesa

MÉTODOS DE REMOÇÃO DE RESSENTIMENTOS

Como remover os ressentimentos? Aqui estão os métodos costumeiros, e eles são apresentados na ordem crescente de dificuldade (para o alcoólico, é claro).

Negligencia mento. Sim, a negligência benigna remove a maior parte de seus pensamentos do dia. Nós simplesmente nos esquecemos das coisas que não são importantes para nós. Enquanto crescemos em nossa sobriedade nos tornamos menos interessados em manter ressentimentos, e eles seguem a ordem natural da eliminação, a não ser que sejam retidos devido a nossos hábitos pervertidos.

Reflexão. Se estamos conscientes do nosso ressentimento, e desejamos nos livrar dele, é um procedimento inteligente pensar sobre ele. Nós realmente ouvimos o que a outra pessoa falou? O que foi dito era realmente o que a outra pessoa pensava? O que ouvimos não seria apenas um boato? A ação ofensiva segue um padrão, ou foi apenas um acaso? O ofensor estava estressado? Estamos dando ao outro o benefício da dúvida? Caso contrário, porque não abandonar o ressentimento?

Análise de Custo/Benefício. Se realmente houve um dano, principalmente intencional, seria benéfico para nós guardar ressentimento? Esse é um ressentimento importante? Qual sua posição entre os outros ressentimentos justificados que carregamos? A inserção dele no nosso inventário significa que abriremos mão de outro ressentimento menos danoso? Por quanto tempo carregaremos esse ressentimento? Ele justifica vingança? Estamos dispostos a sofrer a perda de amizades, destruição de propriedade, despesas, prisão, ou pressão social como consequência de nos tornarmos juiz, júri e executor? Não seria mais agradável nos livrarmos do ressentimento?

A Disposição de Perdoar. Sim, é possível se livrar dos resíduos de ressentimento através da disposição de perdoar.

Os links abaixo citados descreverão como isso pode ser feito. Eis aqui alguns tópicos, como:

- **Anonimato.** As pessoas das quais você se ressentir não precisam saber disto. De fato, é muito melhor e mais simples se eles não souberem. Uma mágoa curtida em segredo é mais suave, de qualquer forma.

- **Privacidade.** A menos que a pessoa de quem você se ressentir peça o seu perdão, ou você esteja absolutamente convencido de que ela ficará feliz por ser perdoada, você deve manter seu perdão em sigilo. Pode ser uma forma grosseira de arrogância aproximar-se de uma pessoa para lhe dizer que está sendo perdoada. Elas frequentemente não tem a menor ideia de ter cometido alguma ofensa, e vão se perguntar que espécie de louco você pensa que é para perdoá-la – Deus, talvez?

- **Ultimidade.** Uma vez que você tenha perdoado uma pessoa, é o ato final. Não precisa nunca mais ser repetido, nem você deve permitir a recorrência do ressentimento.

E, é claro, há o velho conhecido, a **prece**. Após a discussão de cada passo no Livro Azul, um sem número de métodos para aliviar os problemas são mostrados. A ferramenta fundamental e frequentemente “sugerida” para nós, é a prece. A prece deveria estar na lista acima, mas não saberíamos como situá-la na ordem de dificuldades. Para alguns de nós, a prece é um meio natural e fácil de ajustar a nossa vida. Para outros, uma perspectiva alienada e até mesmo hostil. Qualquer que possa ser o sentimento de uma pessoa no tocante à prece, deve haver um esforço constante para que seja um ingrediente primordial na conscientização.

O QUE É A DISPOSIÇÃO DE PERDOAR?

O Dicionário e FORGIVE (Perdoar)

For – give (Para dar)

1 – Conceder perdão para, ou remissão por (uma ofensa, pecado, etc.) ; absolver.

- 2 – Cancelar ou Remir (um débito, obrigação, etc) ; perdoar os encargos devidos em um empréstimo.
- 3 – Conceder o perdão a (uma pessoa).
- 4 – Deixar de sentir ressentimento contra; perdoar seus inimigos.
- 5 – Perdoar uma ofensa ou o ofensor.

QUEM É O GUARDIÃO DE NOSSOS ERROS?

Pode ser que haja um pouco de nossa teologia pessoal aqui. Se a sua é diferente, por favor não se sinta ofendido. Você pode estar certo.

Quando cometemos uma ofensa (ou falhamos em cumprir uma obrigação) o erro é gravado. A(s) parte(s) a quem ofendemos, se houver, podem anotar – muitas pessoas o fazem . Nós próprios as acrescentamos ao saco de culpas, vergonhas, remorsos e autoaversão que arrastamos conosco.

Mas o registro real foi feito no sistema do universo por seu Criador. É automático e inevitável que todos os erros sejam anotados. E a única e verdadeira coisa que pode removê-lo é a reparação (correção ou reparo).

No Oriente, este sistema é chamado Karma. Em metafísica pode se chamar Akasha. Não importa como seja chamado ou aonde quer que se localize (mais provavelmente dentro de nós mesmos), funciona e sempre funciona sem falhas, principalmente para nós alcoólicos (brincadeira).

OBJETIVOS NA DISPOSIÇÃO DE PERDOAR

Quem está sendo perdoado, e por quem ?

Perdoando os outros. Se um ato de cortesia de nossa parte vai ajudar os outros a se sentirem melhor com eles mesmos, então devemos deixar que saibam que não temos nenhum sentimento negativo em relação às ações deles. Mas nunca devemos acreditar que possamos, na verdade, interferir em que sejam perdoados, de acordo com o plano traçado por Deus para eles.

Ser perdoado pelos outros. Aqui aplica-se a mesma lógica de perdoar os outros. A disposição cósmica de perdoar entre os humanos pode ser um ato de compaixão. No entanto, a genuína vontade de perdoar é um assunto muito pessoal.

Ser perdoado por Deus. Deus não mantém registros, nem carrega quaisquer mágoas. O sistema universal de Justiça que Ele criou cuida automaticamente da correção e do perdão. Ele não intervém. Ele simplesmente nos ama o tempo todo

Perdoar a nós mesmos. Como os humanos não podem realmente perdoar-se uns aos outros, o autoperdão é igualmente impossível. Há mais a ser dito, no entanto. Nós certamente concordamos que muitos, senão a maioria dos alcoólicos conhecem de sobra a culpa, a vergonha, o remorso e a auto piedade. Nós **DEVEMOS** nos livrar disto antes que possamos realmente ver a perfeição do Criador em nós, como era Sua intenção. Devemos ter a capacidade de olhar para o espelho e sorrir para a criatura que está emergindo do limo da assertiva auto dirigida, à serviço do Pai através seus companheiros. Saber que fomos perdoados é um requisito para a vida sóbria.

A primeira coisa a fazer é livrarmo-nos dos falsos crimes de que nós mesmos nos imputamos. Um sólido Quinto Passo produzirá uma lista de nossos defeitos de caráter e uma lista preliminar de pessoas que tínhamos ofendido. Se nós nos sentimos mal por algo que não conste destas listas, ou a lista está incompleta ou fomos apanhados pelo defeito sem sentido da auto condenação . Sentir-se mal consigo mesmo,, o que poderia fazer sentido enquanto estávamos nos prejudicando, é frequentemente um cabide emocional que deve ser descartado. Você pode criar uma lista de auto respeito (não orgulho) . Pode ser próximo ao espelho, e pode dizer, “ Eu tenho de me respeitar hoje porque eu...(liste boas ações, passos dados, pessoas ajudadas, preces, etc.)” Mas, assegure-se de nunca colocar seu nome na listagem de seu Oitavo Passo. A segunda coisa a fazer e dar o Nono Passo (Após ter feito do Primeiro ao Oitavo com seu padrinho, é claro). Porque ? Porque a reparação é o **único** meio de alcançar o perdão.

NOSSO "DIREITO" DE PERDOAR

Nós sabemos que quando algo errado é feito, há um imediato registro do fato. O registro não pode ser prevenido e **NEM** apagado através do perdão. A parte ofendida não pode apagar o registro, e Deus também não o fará, pois, antes de mais nada, foi Ele quem criou o sistema. E o sistema funciona muito bem para Ele.

Então, como você e os outros podem ser absolvidos de seus erros ? Adivinhou, pelo Nono Passo. Reparação (reparo / correção) da ofensa remove automaticamente o registro. O perdão não toma parte, em lugar nenhum, na absolvição.

Porque então tanta conversa a respeito do perdão? A realidade é que nós não estamos perdoadando ofensas contra nós, no sentido de remover a necessidade de reparação por parte do ofensor. Isso nós não podemos fazer. Apenas a reparação tem esse poder. Nosso ato de perdão é para nos limparmos. É isso mesmo. Nós removemos de nós mesmos o desejo auto imposto de punir o ofensor. Nosso perdão absolve não o ato cometido, mas sim a nossa reação pessoal a ele. Uau ! Que conceito ! Não é o karma dele que corrigimos, mas o nosso próprio !

Eis algumas fontes adicionais que achamos muito úteis. Você poderá notar que algumas delas não concordam plenamente com o que falamos. Isso não faz com

que elas ou nós estejamos errados. Isso é necessário para que você viva em profundidade as suas próprias convicções. Por favor acesse esses links na ordem em que estão listados:

Livro AzulO Perdão no Livro Azul

ParachinVictor M. Parachin: Como Perdoar: 10

Guias

Errico A Oração do Senhor e o Perdão

**E.FoxEmmet Fox: Perdão baseado no Sermão da
Montanha**

Por Administrador

13 de junho de 2007

O MOVIMENTO WASHINGTONIANO

Na tarde de 02 de abril de 1840, quase cem anos antes do nascimento de A.A., seis companheiros de bebedeiras se reuniram em um botequim da cidade de Baltimore, Estado da Virgínia, nos Estados Unidos da América.

Quanto mais bebiam, mais falavam sobre o tema da temperança, que era um dos assuntos mais populares da época. Essa reunião, assim como os encontros posteriores, deram origem à formação, para a curta mas espetacular existência do Movimento dos Washingtonianos, que chegou a contar com mais de 400.000 membros "alcoólicos recuperados", para poucos anos depois, da noite para o dia, desaparecer totalmente.

A história do Movimento dos Washingtonianos demonstra nitidamente, a importância das Doze Tradições de A.A. como guia de comportamento para os nossos grupos e organismos de Serviço, montadas que foram para proteger-nos de um destino semelhante. O hábito de desprezar nossas Tradições, ou de ignorá-las, nos legou, pelo menos, alguma marca negativa em nosso inventário.

Até a já mencionada reunião de 1840, prevalecia a opinião de que nada era possível fazer pelos doentes do alcoolismo e, mesmo as palavras "alcoólico" ou "alcoolismo", não era de uso comum. Os poucos casos conhecidos de recuperação de alcoólicos, não influíam no pessimismo geral sobre as possibilidades de recuperação. E, como se acreditava que o álcool era a causa do alcoolismo, muitos movimentos de temperança, então existentes, orientavam sua atuação no sentido de evitar que os nãoalcoólicos no alcoolismo ingressassem. Seu lema era:

"Mantenhemos sóbrios os sóbrios; os bêbados que morram e nos deixem em paz".

Em 05 de abril de 1840 os seis companheiros já referidos, novamente se reuniram no mesmo botequim, ao redor de uma garrafa de bebida alcoólica e, alegremente, brindaram as virtudes da temperança, enquanto condenavam a maldição do alcoolismo.

Embora existisse um bom número de Grupos de Temperança, nenhum deles parecia interessar a esses seis companheiros. Como bons bebedores que eram, decidiram formar seu próprio grupo; elegeram-se diretores e firmaram uma promessa de total abstinência, com o seguinte texto:

"Nós, cujas assinaturas aqui constam, com o propósito de constituir, para o nosso próprio benefício e para proteger-nos de costumes perniciosos que são prejudiciais à nossa saúde, à nossa reputação, às nossas famílias, nos comprometemos, como cavalheiros, a não ingerir qualquer bebida alcoólica, nem licores, nem vinhos de cidra".

Escolheram o nome Sociedade de Temperança Washington, em homenagem a George Washington, estabelecendo uma cota de inscrição em dinheiro, junto com uma contribuição mensal. Com calorosos abraços se despediram, ficando combinado que, cada um deles, traria um novo sócio ao botequim para a próxima reunião. E se mantiveram sóbrios.

Como resultado do crescimento do número de associados e, devido às solicitações desesperadas do dono do botequim, o grupo decidiu alugar uma sala e, ao mesmo tempo, tornar habitual as reuniões semanais.

Nessas reuniões desenvolveram um método único de procedimento, onde cada orador contava sua própria história, calcada no seguinte:

"Como era eu; o que me aconteceu e, como sou agora".

Esta ideia obteve sensacional aceitação, contribuindo para enorme e rápido crescimento ao Movimento. A abstinência total parecia um milagre.

Em novembro de 1840, realizaram sua primeira reunião pública. Os jornais deram ampla cobertura ao acontecimento nas reportagens incluindo o nome completo dos fundadores. A quantidade de público fora tão grande, que só havia poucos lugares de pé. Tanto aos alcoólicos, como os nãoalcoólicos; a todos os que se comprometiam à total abstinência; deu-se boas-vindas ao Grupo.

Uns cinco meses mais tarde, o Movimento Washingtoniano declarava constar de seus quadros mais de 1000 alcoólicos recuperados e uns 5000 membros indecisos quanto à conclusão se eram, ou não, alcoólicos, mas que já haviam se comprometidos a manter uma abstinência absoluta, bem como outros 1000 que defendiam uma temperança total, em todos os sentidos e que viam com muito

entusiasmo o crescimento da cruzada dos Washingtonianos.

Como bons e entusiasmados propagandistas que eram, os membros organizaram e participaram de um espetacular desfile, com banda de música, balizas, estandartes, que foi presenciado por mais de 40.000 pessoas em Baltimore. Após o desfile, houve uma grande reunião ao ar livre para divulgação de sua mensagem do "12º Passo".

Diziam;

"Alcoólico, venha até nós. Você pode se recuperar. Ainda esta manhã estivemos com um homem que se recuperou já faz 4 semanas e estava feliz com a sua abstinência. Não desprezamos os alcoólicos, amamo-nos, guiamos, assim como uma mãe guia seus filhos nos primeiros passos".

As lágrimas caíam copiosamente sobre a mesa da secretária, na medida em que centenas de pessoas subiam ao palanque para assinar seus compromissos de total abstinência. A atmosfera emocional estava saturada de uma contagiante esperança. Os grupos religiosos aceitaram seu programa.

Samuel F. Holbrook, o primeiro Presidente da Sociedade, explodia em altas palavras, com relação ao papel desempenhado por Deus na recuperação dos alcoólicos. Dizia:

"Ao cambaleante alcoólico que encontramos na sarjeta, ou retiramos de seu meio, damos apoio, falamos como amigos, levamos às nossas reuniões. Em nosso grupo ele se encontra rodeado por novos amigos, não do que mais temia, a polícia. Todos lhe estendem as mãos; começa a recuperar-se e, quando já se sente sóbrio, assina o compromisso de manter-se abstinente e volta à rua como um homem recuperado. E seu caso não termina aí, ele cumpre a sua promessa e, dentre seus companheiros de bebedeiras, logo trás outros que, de sua parte, assinarão o mesmo compromisso, trarão outros. Esses são fatos positivos que se pode constatar."

Então pergunto: - Pode algum movimento da humanidade demonstrar isso por si só? A minha resposta é um redondo "NÃO". Nós temos o testemunho invariável de um vasto número de homens recuperados que dizem publicamente que dizem publicamente que haviam deixado de beber diversas vezes para, logo a seguir, recair nas bebedeiras e, entendem que, seu atual comportamento, deriva da total confiança da força desta nova decisão, sem qualquer preocupação de olhar um pouco mais alto. Depois, sentem que, necessitam da ajuda de Deus que, uma vez conseguida torna a recuperação completa. Louvado seja Deus".

Não foi possível manter os milagres dos Washingtonianos dentro de seus limites geográficos. Seus membros estavam convencidos de que deles dependiam o socorro para os mais aflitivos casos; os alcoólicos recuperados e em atividade dentro do Movimento comprovaram, com seus exemplos, que podiam ajudar aos alcoólicos e estavam possuídos de uma extraordinária disposição de levar sua mensagem. Depois, essa campanha se ampliou no

sentido de evitar o mesmo sofrimento, pela persuasão, aos ainda não atingidos pelo alcoolismo, objetivando que prosseguissem com a sobriedade através de uma total abstinência. Os líderes mais influentes do Movimento eram de opinião de que necessitavam de bons "vendedores" para espalhar a mensagem de prevenção e, os membros dos Grupos Washingtonianos, proporcionaram uma vasta relação de pessoas disponíveis.

A cidade de Nova Iorque lhes serviu de cenário. Em março de 1842, Washingtonianos e espectadores se reuniram na igreja da Rua Gren; no transcurso do primeiro discurso, um jovem que estava no auditório se levantou cambaleando e disse: - "Não haverá alguma esperança para mim? Deus do céu, não haverá esperança? Vocês podem me ajudar?". O ajudaram a chegar até o palco e, ali mesmo, manifestou sua vontade de assumir o compromisso, partir de então, de absoluta abstinência.

Outros o seguiram; uns jovens como ele; outros, de cabeças grisalhas. Os Washingtonianos receberam a todos eles e, uma organização paralela feminina, conhecida como Sociedade Martha Washington, alimentava e vestia os mais necessitados, enquanto buscava apoio e adeptos dentro do próprio sexo.

Em menos de quatro anos da relatada reunião no botequim, o número de Washingtonianos chegava ao máximo. Nessa época, se estimava que o Movimento incluía, no mínimo 100.000 "alcoólicos recuperados"; 300.000 "bebedores normais" que, também, se mantinham em total abstinência, bem como incontável número de admiradores entre os membros dos Movimentos de Temperança.

Mas logo chegaria ao esquecimento total. Pelo ano de 1848, tudo o que restava da espetacular e poderosa organização como método original de tratamento do alcoolismo, era o Asilo dos Decaídos, em Boston. Essa organização, assim mesmo, sofreu numerosas modificações, no nome e na orientação e, atualmente funciona com o nome de Hospital Washingtoniano, se dedicando ao tratamento do alcoolismo mediante sistemas médicos modernos e técnicas sociais. Nos demais aspectos o Movimento se autodestruiu por completo. Com ele, desapareceu a esperança de milhares de alcoólicos de sua época. Tendo a breve história anterior por exemplo, é possível efetuar uma limitada comparação entre o Movimento Washingtoniano e Alcoólicos Anônimos e, meditar sobre as possibilidades de A.A. ter um destino semelhante.

As semelhanças são as seguintes:

- 1) Alcoólicos se ajudando mutuamente;
- 2) Reuniões semanais;
- 3) Experiência compartilhada;
- 4) Permanente disponibilidade para ajudar os grupos e seus membros;
- 5) Confiança em um Poder Superior e,
- 6) Total abstinência ao álcool.

Embora seja óbvio que o programa dos Washingtonianos fosse incompleto,

contendo limitadas possibilidades para a modificação da personalidade se comparado aos Doze Passos de Alcoólicos Anônimos, nasceu da experiência dos que conseguiram a sobriedade; mesmo que por pouco tempo; de milhares de alcoólicos. Porém, falhou em não oferecer um método de conduta, para membros e grupos, que fosse comparável às Doze Tradições de Alcoólicos Anônimos. Como não existiam garantia de salvaguarda para o Movimento em seu conjunto, este morreu. A maioria dos problemas dos Washingtonianos se situaram em áreas que estão amplamente protegidas em nossas Tradições:

- 1) O preâmbulo e nossa 5ª Tradição nos aconselham a proteger nosso único objetivo; a 1ª Tradição nos aconselha cautela, para conservar nossa Unidade. Sem essas orientações, o Movimento Washingtoniano se converteu em um monstro de 3 cabeças: a primeira, o programa para atingir a recuperação dos alcoólicos; a Segunda, o convite ao público em geral para conseguir a temperança através da persuasão moral e, a terceira, a exigência de total temperança nacional pelos meios legais. Homens de enorme influência controlavam a ação de cada uma das cabeças e, não levou muito tempo, as cabeças lutavam entre si.
- 2) As táticas carnavalescas de promoção e a absoluta falta de qualquer princípio de anonimato criaram uma atmosfera de crescimento espetacular; porém, conduziram ao mesmo tempo, às lutas entre as personalidades que buscavam prestígio e poder. Cem anos depois Alcoólicos Anônimos adotou as 11ª e 12ª Tradições que indicam que devemos basear nossas relações com o público na atração, no lugar da promoção; a manter o anonimato pessoal ao nível da imprensa; a considerar o anonimato como "fundamento espiritual.. ." que nos recorda que devemos sempre que os princípios estão acima das personalidades.
- 3) Não há nada que possa dividir um grupo com maior rapidez do que a controvérsia política ou religiosa. A 10ª Tradição diz que: "Alcoólicos Anônimos não tem qualquer opinião sobre assuntos alheios às suas atividades" e que o membro de Alcoólicos Anônimos nunca deve envolver-se em polémicas públicas. Sem possuir esta Tradição, os Washingtonianos ingressaram nesse campo. Chegou ao conhecimento de alguns líderes religiosos que, alguns alcoólicos recuperados, proclamavam publicamente que, "eles, entre outras coisas, é que estavam praticando verdadeiramente o Cristianismo, não alguns pastores que conheciam e que apenas falavam em Cristo". Em represália o Reverendo Hiram Mattison, ministro da Igreja Metodista

Episcopal de Watertown, N.Y., tornou pública a seguinte comunicação: - "Nenhum cristão tem liberdade para selecionar ou adotar algum sistema, organização, agência ou métodos de reforma moral da humanidade, com exceção daqueles prescritos e reconhecidos por Jesus Cristo".

Acrescentava que sua igreja havia sido escolhida junto com o seu Evangelho, como o sistema da verdade e único para reformar a humanidade. Isto era a guerra. Outras igrejas reagiram da mesma forma, até fecharem suas portas aos Grupos Washingtonianos.

4) E como se esse fato grave fosse pouco, alguns membros do Movimento se tornaram oradores profissionais, por não contar com a orientação de uma 8ª Tradição. Dessa forma, sua mensagem de "alcoólico para alcoólico", perdeu toda força de atração.

O ponto final da destruição aconteceu quando, alguns influentes líderes de movimentos nãoalcoólicos, decidiram que a necessidade de os ex bebedores recuperarem outros alcoólicos já havia sido Ultrapassada e, agora, se deveria concentrar todo esforço na criação de novas leis destinadas a promover a temperança. Enquanto efetuava as investigações para escrever este artigo, várias vezes me ocorreu o seguinte pensamento: - "Depois que os Washingtonianos se autodestruíram, o que teria ocorrido com os seus milhares de membros?" E, esse pensamento se converteu numa indagação pessoal: - "O que aconteceria comigo?"

Durante os primeiros tempos do programa, especialmente antes de elaboradas as Doze Tradições, Alcoólicos Anônimos passou por muitos dos problemas que destruíram os Washingtonianos. O fato de haveremos sobrevivido aos mesmos perigos, é um dos milagres de Alcoólicos Anônimos.

Porém o dia só tem 24 horas!

Por D. P. de Ogden, Utah.

Traduzido da Revista Plenitud, México

Publicação original de Grapevine, USA/Canadá

Publicado no Bob nº 33, jan/fev 1985

DISCURSO FINAL CORRIGIDO E REVISADO

Discurso do cofundador do AA, feito para o grupo Keepsbay de NY em 1950 (a pessoa que introduz Bill. AA. para o grupo não diz seu próprio nome).

SENHORAS E SENHORES o nosso orador desta noite já esta no corredor, portanto vamos voltar a nossa reunião. Esta reunião e ponto de referência para o grupo de Keepsbay.

Hoje celebramos o primeiro aniversário do nosso grupo. Para este acontecimento especial, nós convidamos um amigo particular para falar, para todos nos esta noite. Para muitos de nos ele e um velho amigo, para outros de vocês, esperamos que ele se torne um novo amigo.

Em geral a reunião do grupo, Keepsbay é uma reunião fechada para alcoólicos somente, em consideração ao nosso convidado e a circunstancia especial de hoje, nós abrimos a nossa reunião para as nossas famílias e amigos. A única coisa que pedimos aos nossos convidados, é que respeitem os desejos do grupo. Estes desejos são os seguintes: O que vocês ouvirem aqui guarde para si mesmos, aqueles que vocês encontrarem e verem aqui apaguem de suas memórias. O anonimato é a alma e a coluna vertebral do nosso programa. Portanto ajude-nos a conservar a alma da nossa herança espiritual. Antes de introduzir o nosso orador, eu vou ler a declaração da finalidade do AA,

como esta escrita no preâmbulo do grande livro dos alcoólicos anônimos. Alcoólicos Anônimos é uma irmandade de homens e mulheres que compartilham suas experiências, forças e esperanças, a fim de resolver seu problema comum e ajudar outros a se recuperarem do alcoolismo. O único requisito para tornar-se membro, é o desejo de parar de beber. O AA. não está ligada a nenhuma seita ou religião, nenhum movimento político, nenhuma organização ou instituição; não deseja entrar em qualquer controvérsia; não apoia nem combate quaisquer causa. Nosso propósito primordial é manter-nos sóbrios e ajudar outros alcoólicos a alcançarem a sobriedade.

E agora o nosso orador.

Ele foi chamado o maior arquiteto social do nosso século.

Os 12 passos que ele criou, é a maior criação da América.

Sua energia extraordinária e criatividade foi a maior contribuição para nossa irmandade, sem esta contribuição nós não poderíamos estar aqui esta noite.

Deus sabe onde eu estaria.

O que podemos falar de Bill; houve eventos na vida dele e ele viveu estes eventos e agora para compartilhar estes eventos conosco; aqui está Bill W. o cofundador dos alcoólicos anônimos. Bill.

Obrigado, muito obrigado, sinto muito por estar atrasado nesta noite. Houve uma impossibilidade de eu estar aqui hoje.

Aqueles que estavam no corredor, por certo, já sabem o que aconteceu! Como eu já disse eu não poderia estar aqui esta noite. Isto veio como um choque terrível.

Deixe-me ler o telegrama que recebi hoje pela uma da tarde...:

Querido tio Bill: (o telegrama esta endereçada a Bill W. Alcoólicos Anônimos Associação, NY, NY).

O papai faleceu serenamente ao meio dia, no hospital de Akron.

Nós o chamaremos na tarde de hoje, depois das providencias para o funeral.

Com nosso amor para vocês tio Bill e tia Lois; os seus Sue e Bob Junior.

Doutor Bob meu parceiro, meu amigo, nosso amigo! Faleceu.

Como eu disse, eu não viria hoje, mas Lois, minha esposa disse: qual o melhor lugar para estar, senão entre os amigos de Bob?

Recebi também uma chamada do Padre Ed Dowling de São Luiz.

-Vá, vá... Vai fazer-lhe muito bem; apenas não fale de si mesmo, mas a respeito de Bob e do começo. Conte a nossa historia.

Não faça um velório irlandês (nos velórios de Irlandeses eles têm o costume de irem bêbados).

Portanto, eu decidi vir. Se eu não fizer as coisas com muito sentido, entendam, apenas quero compartilhar com vocês. Compreendam que eu acabo de receber uma trágica notícia.

No caminho, eu escrevi umas pequenas anotações para comemorar o acontecimento do aniversario deste grupo. Mas, com a permissão de vocês, eu gostaria de deixar este acontecimento fora do caminho antes de começar a nossa reunião.

Nós precisamos comemorar o primeiro aniversario deste grupo. Depois falamos da vida do Doutor Bob que é semelhante à nossa.

Agradeçamos a Deus por libertar muitos de nos da servidão, e estamos aqui para anunciar para todos os amigos a nossa profunda gratidão por toda a ajuda que Ele nos deu no milagre da nossa recuperação.

Tudo isto parece ser um discurso, mas nos não fazemos discursos; e sim

contamos a história de nossas vidas.

Assim será como eu vou compartilhar a minha historia.

Por onde eu começo?

A minha historia teve começo há 16 anos atrás, em 1934 no fim do verão, em setembro.

Eu era paciente no Hospital Charlestown, na parte alta da cidade, Central Park West..Eu já havia sido paciente ali antes. Essa era a minha quarta visita, pela terceira vez no mesmo ano.

Eu estava na parte de cima, vestido com uma camisola pijama do Charlestown, daquelas camisolas que se amarra nas costas.

Minha esposa estava na parte de baixo, falando a meu respeito com o Dr. Silkworth.

Uma hora antes, ele esteve me observando, e concluiu que eu era um alcoólico. Como o meu alcoolismo tinha se tornado de um habito e uma obsessão e o meu corpo, havia desenvolvido uma alergia pela substância que eu desejava e mais ainda concluiu que eu estava morrendo.

Para ele, eu era um alcoólico crônico. Ele tinha desenvolvido um conceito, uma teoria, depois de ter tratado mais de mil homens com uma doença semelhante a minha.

Para ele eu tinha uma doença, uma doença como nenhuma outra. Esta doença acabaria por matar-me se eu fosse deixado aos meus próprios cuidados. A sua sincera opinião era esta.

Ele dizia a Lois que ela devia me internar no Rockland State, Hospital para os doentes mentais. Ela poderia fazer isso, porque eu era um alcoólico crônico!!! Ele queria que ela fizesse isso, porque ele sabia que eu estava me matando.

Lois disse a ele: Doutor, você não entende, um homem como o Bill! Nunca conheci um homem como Bill. Quando ele Põe uma coisa na cabeça e decide fazê-la, ele faz! Por que ele não pode deixar de beber?

O Doutor repetiu: Ele tem uma doença difícil de entender, difícil de tratar, mas, é uma doença de qualquer maneira. Que seria melhor se ela seguisse as sugestões dele.

Eu, lá em cima, pensava comigo mesmo: Por que eu? Por que isto acontece comigo? Refleti o meu passado e pude entender como alguns acontecimentos do passado me trouxeram a este caminho. Eu não me criei para viver desta maneira. Talvez se procurasse uma razão... Era o fato do meu pai ter tido problemas com o álcool?

Este foi o motivo para o divórcio de meus pais.

Quando eu tinha oito anos, eu e minha irmã fomos abandonados por meu pai, como resultado de seu alcoolismo. Minha mãe partiu logo depois e eu fiquei com meus avos maternos.

Meu avô, desde minha infância colocou em minha mente a ideia de que eu deveria sempre ser o numero um. Eu penso que aos doze anos, com a minha vontade de ser sempre o numero um, fiz o primeiro boomerang americano. E isso esta no livro de Records, que eu fui o primeiro a construir o boomerang americano. Eu tinha recebido de presente do meu avo, no dia do meu aniversário, um livro sobre a Austrália e o boomerang australiano; e meu avo dizia com muita admiração que eu era o único menino que aos doze tinha feito um boomerang. Eu fiz isso, com unhas e dentes, para provar que eu podia ser igual a um aborígine.

Depois de seis meses, que fui movido pelo desejo do poder, eu criei o primeiro boomerang e ele funcionou. Depois disso, eu me tornei o numero um, aos olhos de meu avo; e de acordo com ele, também numero um para os olhos do resto do mundo.

Eu não pude compreender então, naquele dia, de que minha vida se tornaria um boomerang emocional, que continuaria ate o fim de minha vida.

Vinha daí, a minha necessidade de ser sempre o numero um, em tudo que eu fizesse.

Talvez, seja essa a razão porque eu me tornei um alcoólico.

Eu bebi por apenas 17 anos. Eu tomei o meu primeiro gole, quando tinha 22 anos no exército, servindo em Massachusetts, com minha esposa.

Dezessete anos mais tarde, eu estaria internado como um alcoólico crônico.

Foram 17 anos perdidos; não tudo por minha culpa, pode ter sido talvez, por causa da queda da bolsa de valores, em 1929. Quando isso aconteceu, eu também cai. Entrei e sai de hospitais, asilos, casas de repousos, hospícios, manicômios, instituições lugares para desintoxicação e tudo mais.

Eu me tornei um bêbado, sem esperanças. Perdi tudo o que nos tínhamos. E aqui estava eu, aos 39 anos um alcoólico doente e um Doutor querendo me internar num hospício, para o resto de minha vida.

Graças a Deus Lois não ouviu o Doutor.

Ela veio me visitar e me levou para casa de qualquer maneira.

Não para a minha casa, porém para a casa de meu cunhado.

Nós estávamos morando na casa dele, sem pagar aluguel, na rua Clinton, no alto Brooklyn.

Lois tinha conseguido um serviço, numa loja no centro de Brooklyn. Estava ganhando um salário de 22 dólares por semana.

Todas as coisas de valor que nós possuíamos já haviam sido vendidas.

Eu continuava a ser um alcoólico crônico. Ela me levou para casa mesmo assim, desta maneira, dando-me uma última oportunidade.

Durante dois meses, eu provei que o Doutor estava errado, totalmente errado.

Afinal eu não era um alcoólico; e não sai de casa por dois meses, até no dia do Armistício em 1934.

O dia do Armistício era um dia muito lindo, tão lindo, que eu nem sei como descrevê-lo.

Eu me sentia como um homem que valia um milhão. Olhei pela janela e disse: querida eu gostaria de jogar um pouco de golfe. Talvez este seja o ultimo dia de verão tão bonito assim. Gostaria de jogar um pouco antes da chegada do inverno. Ela tentou me desencorajar dizendo: querido, fique e recupere as suas forças primeiro. Eu insisti, insisti, até que ela finalmente concordou; me deu alguns dólares.

Fui para o porão peguei a bolsa de golfe e andei ate a estação de barcos, para atravessar para Staten Island. O do clube de golfe ficava em Staten Island.

O sócio do clube era meu cunhado; eu poderia jogar, pois ele pagava mensalidade.

Atravessei para o outro lado, peguei o ônibus e continuei, sentindo-me como um homem de um milhão.

Quando eu estava no dentro do ônibus, notei um homem sentado com um rifle nos braços. Não sei o que vocês pensam, mais em Nova York, você tem manter os olhos num tipo com um rifle nos braços! Decidi, que o melhor para mim, era

sentar me perto do homem com o rifle.

Depois de algumas paradas do ônibus, perguntei para ele: Amigo aonde você vai indo com este rifle? Ele respondeu: estou indo para uma competição de atiradores; acontece que a disputa de atiradores era noutro clube perto do clube de golfe.

Ele tinha vindo, apenas para praticar nessa tarde.

Como eu tinha sido criado em Vermont, sabia um pouco a respeito de atirar.

Então, comecei a falar tudo que eu sabia a respeito de atirar, e para impressioná-lo mais, no meu desejo de ser sempre o número um, comecei a falar tudo que sabia sobre artilharia que tinha aprendido, quando servi o exército, em Massachusetts, durante a primeira guerra. Lois esteve lá comigo.

O homem ficou muito impressionado com o quanto eu sabia, apesar de que ele sabia muito mais do que eu.

De repente, um táxi bateu na traseira do nosso ônibus. Não foi nada sério, apenas uns arranhões e sustos.

O motorista teve que descrever para a polícia e pediu outro ônibus, para continuar a viagem.

Quando ficamos esperando parados no passeio, vimos um pequeno boteco (aqui o Bill usa uma gíria-- vimos um speakeasy, que significa um pede cochichando ou baixinho. Esta meia porta de botecos só podia vender refrigerantes, contudo, vendiam bebidas alcoólicas ilegalmente, às escondidas).

Atravessamos a rua e tocamos na meia porta do boteco. O dono abriu e perguntou-nos o que queríamos. Meu amigo pediu um uísque e eu pedi uma Ginger ale. Ele me perguntou: Você não bebe? Eu respondi: Não.

- Por que não, ele me perguntou.

Daí para frente, eu comecei a contar-lhe toda a minha vida, de hospitais a hospitais, das instituições, casas de recuperação, dos hospícios.

Contei-lhe tudo a respeito de minha vida. Ele disse para mim, que eu era um homem notável.

Aí então, eu compreendi que ele era um homem muito inteligente. Ele havia escutado tudo que eu havia lhe contado, com a maior atenção. Nunca até então, ninguém havia dito uma palavra delicada a meu respeito ou para mim.

Ele continuou, eu tenho parentes e amigos, que tem uma história semelhante à sua, contudo, hoje ele estão presos, em hospitais ou mortos ou vagando pelas ruas. Você parece-me ter encontrado o caminho para curar-se, e isto é remarcável muito remarcável!

E continuamos conversando.

Porém, todas as coisas tem que chegar ao fim.

O motorista fez um sinal para nos, dizendo que o outro ônibus havia chegado. Já havia chegado o outro ônibus e continuamos a nossa viagem.

Depois de mais de uma milha, eu não queria deixar o homem ir embora, necessitava do reconhecimento dele; sentia que estava me afirmando pessoalmente, e como a prática de atirar não começava até as duas da tarde, disse para ele para fazer-me companhia.

Sugeri que ele tomasse lanche comigo no meu clube de golfe.

Como eu já disse eu não era sócio do clube, mas sim o meu cunhado; e continuei, depois do lanche nós podemos passar por um atalho e chegar até o seu lugar de praticar.

Ele gostou da ideia.

Quando o ônibus chegou na minha parada, ele desceu comigo.

Nós entramos no clube e nos dirigíamos para a sala de jantar.

O gerente do clube veio ao nosso encontro e disse-nos:

- Sinto muito mais o salão de lanches está fechado. Hoje é o dia do Armistício e eu dei folga para todos os empregados. Se vocês quiserem, eu posso trazer-lhes um lanche no bar.

Meu amigo me perguntou se eu me incomodaria com isto, eu disse que não, uma vez que já tinha passado no primeiro teste: Eu tinha saído do primeiro lugar que havíamos estado antes, sem beber nada. Eu estava certo que poderia resistir ao segundo teste.

Nós fomos para o bar, sentamos nos banquinhos. O meu amigo pediu um Scotch com Ginger Ale e eu pedi um sanduíche com uma Ginger Ale.

Como eu já disse, o meu amigo estava tornando-se cada vez mais sabido como passar dos minutos.

Ele me disse: você é mesmo uma pessoa admirável! Você é um ex alcoólico e está no meio de um mar de tantas bebidas alcoólicas! Isto não o deixa perturbado?

Eu disse que não, eu estava certo de que já estava curado e que o doutor estava errado.

Eu teria que contar para minha esposa. Finalmente eu pedi a conta já estava assinando, pois assim meu cunhado poderia pagá-la sem problemas.

Já nos preparávamos para sair, quando o garçom trouxe dois copos de bebidas misturadas e as colocou a nossa frente.

Por favor, bebam, é por conta da casa em celebração do dia do Armistício.

Eu peguei o meu copo e virei de uma vez. Quando olhei para a cara do meu amigo, percebi que ele já não tinha mais aquela cara de sabido, porém a maior cara de tonto que eu já havia visto.

Ele disse então para mim: Meu amigo, depois de tudo aquilo que você me contou que o álcool fez para você, teve coragem de tomar esta bebida? Você deve ser louco, completamente louco!!!

É verdade, eu sou louco.

Depois disso, durante a noite minha esposa me encontrou entre a primeira e a segunda porta de entrada de minha casa. Eu tinha caído e havia um corte na minha cabeça e estava desmaiado, segurando ainda a bolsa de golfe. Naquele dia eu não tinha jogado golfe, eu tinha ficado bêbado. E conclui que o doutor tinha razão e estava muito certo.

Na manhã seguinte, cheio de remorso e pena de mim mesmo, eu compreendi que eu era um alcoólico e que o seria até o fim de minha vida.

Acreditei que até o fim de minha vida, no dia em que eu morresse, quando eles cobrirem o meu rosto com um lenço, eu continuaria a ser um alcoólico.

Irei ser um alcoólico morto, e não há nada que eu possa fazer.

Sabia também, que eu seria um amaldiçoado, se tivesse que morrer num asilo para loucos, queria ter a coragem para tirar a minha própria vida. E era isto o que eu pensava fazer, beber e beber até morrer.

Nas semanas seguintes, eu roubava um dólar para comprar o rum que eu necessitava.

Três garrafinhas de Gin que sempre me conduziam as portas do abismo.

Dia após dia, eu ficava naquela casa vazia no Brooklyn, bebendo para morrer e escrevendo, de vez em quando, cartas cheias de ódio para o Presidente Franklyn

Roosevelt, dizendo como ele estava governando pessimamente o país.
Estas cartas, eu posso mostrar para vocês, nunca recebi respostas delas.
Acredito que Lois nunca as colocou no correio.
Este seria o meu futuro e o meu fim.
E o que me importava que isto acontecesse.
E foi nesta situação que Abby me encontrou.
O meu velho amigo Abby, das nossas salas que vocês conhecem também.
Abby me chamou uma tarde; ele disse Bill posso ir até a sua casa?
- Claro que você pode vir Abby. Venha sim, por favor, Abby, eu detesto beber sozinho.
Como seria maravilhoso passarmos uma tarde juntos, recordando o passado!
Então fiz algo que considero um ato heroico, para um bêbado como eu.
Tinha uma pequena garrafa de gim que havia escondido atrás de uma cômoda no banheiro do porão. Trouxe a garrafa e a coloquei na mesa da cozinha.
Lembrei que o Abby tinha um estomago delicado; encontrei uma garrafa de suco de abacaxi que creio que Lois tinha trazido de uma reunião de pintores que ela assistira. Coloquei tudo na mesa, e fiquei esperando o meu amigo, a fim de passarmos uma tarde agradável.
Eu estava certo de ele traria uma bebida também.
Enquanto eu esperava, estava lembrando um amigo meu e do Abby. Este amigo tinha me contado que Abby em uma de suas bebedeiras tinha entrado com seu carro na sala de alguém perto de Albany.
Quando Abby chegou e já estava sentado no sofá eu fui perguntando- lhe: Abby como você conseguiu escapar daquela confusão lá em Albany? Eu quero ficar informado para guardar no meu record.
Abby foi me dizendo: Você poderia esquentar um pouco de café para mim?
Havia algo que eu tinha notado logo que abri a porta para ele. Alguma coisa estava diferente, ele estava sóbrio, limpo com um terno bem passado, com os sapatos engraxados.
Eu estava num estado terrível; barbudo, com uma barba de três dias, de camiseta, com uma calça do meu cunhado que era um numero e meio maior do que o meu; minha calça raspava a barra no chão.
Lois gostava disso, pois ela dizia para as amigas que a minha calça varria o chão.
Abby não tinha bebido e estava de mãos vazias. Eu pensei comigo: Talvez ele esteja sem dinheiro.
Nós falamos de algumas coisas agradáveis, e eu disse a Abby: Vamos para a cozinha que é mais quente. Ele me seguiu e sentamos ao redor da mesa.
Falamos mais algumas coisas interessantes.
Finalmente, nós dois começamos a olhar para a garrafa de gim.
Comecei a colocar a bebida no copo e disse a Abby: Que tal um gole? Ele respondeu: Não Bill obrigado, eu não estou bebendo.
Eu disse: O que acontece, velho amigo, você não está bêbado e não está bebendo? Ele respondeu: Vamos dizer que eu encontrei religião!
Eu pensei comigo mesmo: Oh meu Deus! Deixei um fanático religioso entrar na minha casa?
Continuei dizendo a mim mesmo: Não e uma notícia tão triste assim, eu posso ter toda essa bebida para mim sozinho! Eu não iria, portanto, ficar ressentido com qualquer religião em que ele tivesse se metido.
Qual foi a região afinal que você encontrou?

Ele respondeu: Deixe me dizer que encontrei a religião do bom sentido.
Eu pensei comigo mesmo: Eu nunca ouvi falar em nossa senhora do bom sentido!
Bill, você não sabe o poder que o álcool tem sobre mim?
Eu compreendi logo, que não ia dizer o que eu já sabia.
Não, eu disse: Eu não sabia que você tem um problema com o álcool.
Disse Abby: há apenas um mês atrás, depois de mais uma briga, eu me encontrei na sala do juiz.
Ele queria punir-me com toda a severidade da Lei, queria me deixar preso.
Eu tinha me metido em muitas brigas e essa última, tinha passado do limite.
Meus amigos, minha família me queriam fora das ruas. Quando eu fui à presença do Juiz, uns amigos que você também não conhece, vieram para a minha audiência. Quando ele disse o nome deles, eu entendi que eu não os conhecia. Eles eram um grupo de desconhecidos.
Um dos membros do grupo disse ao Juiz: Excelência, entregue-o para nós. Creio que nos podemos ajudá-lo a resolver seus problemas.
Eles eram membros do Oxford grupo. Você já ouviu falar deles?
Eu respondi: Claro que sim, pois eu já havia lido a respeito deles nas colunas sociais.
Para mim eles eram um grupo de bichas dançarinas que se reuniam para tentar resolver entre eles mesmos, problemas de drogas, alcoolismo e adicção ao jogo. E Abby continuou por dizer que não pretendia ficar envolvido com eles.
Como o Juiz não tinha nada a perder, ele me entregou para eles. E assim, eu fiquei envolvido com eles.
Depois de algum tempo entre eles, e escutando o que eles diziam, acabei por aceitar algumas ideias deles, e usei essas ideias para ajudar a mim mesmo. Parece que funcionou para mim.
Eu perguntei: Que ideias meu amigo?
Ele respondeu: Por exemplo: Eu aprendi a ser honesto comigo mesmo, pela primeira vez, em minha vida e também, compreendi o que o álcool tinha feito comigo.
Então, ele continuou dizendo que tinha que compartilhar de maneira estritamente confidencial, com outras pessoas, estas coisas.
E que teria de tomar uma decisão de fazer reparação por todo o mau que eu havia feito com o meu alcoolismo.
Deveria também, ficar decidido a ajudar a outras pessoas como eu, a se livrar do alcoolismo.
Eu deveria fazer isto pelo resto de minha vida.
E por isto, que quando ouvi dizer que o meu velho amigo, Bill Wilson estava fechado em casa no Brooklyn, encerrado em si mesmo, bebendo para morrer! Eu disse aos meus amigos, deixe-me dar uma olhada nele. E por isso que eu estou aqui hoje.
Eu fiquei muito ofendido e disse-lhe: Escute bem, quem lhe deu tal ideia? Você está completamente enganado!
Eu posso ter um ou outro mau momento, mas não estou fazendo o que você pensa.
Ele respondeu: Está bem, pode ser que eu esteja errado.
Bill disse-lhe: De onde você tirou todas essas ideias?
Abby respondeu: Não Bill, mas, existe uma outra ideia da qual eu sei que você não vai gostar, mas tenho que dizê-la de qualquer maneira. Eu sei como você vai

considerar essa ideia, será como uma piada para você. Eu tive que pedir também a Deus para ajudar-me a fazer estas coisas e para que ele me ajudasse a continuar no caminho certo. Eu tinha que pedir a qualquer um Deus, que eu pudesse entender, para ajudar-me, e reconheci, sem julgar de que ele poderia estar certo. Porém, eu lhe disse: Não, obrigado, muito obrigado e o acompanhei até a porta mandando-o ir embora.

E esta foi a tarde muito agradável com o meu amigo!

A ideia de alguém vir em minha casa e falar de um compromisso com um Deus era absolutamente ridícula.

Eu sou um engenheiro na prática pessoal, e admito a ordem natural das coisas; contudo, eu não posso aceitar a ideia de uma consciência suprema, de uma divindade pessoal que possa ajudar-nos a resolver os problemas da vida.

A ideia me parecia completamente ridícula; e tudo isto, eram as ideias do meu amigo Abby.

Eu continuei a beber, mas uma coisa engraçada aconteceu nos dias seguintes; eu não conseguia tirar da mente a visão do Abby.

Ele se tornou uma outra obsessão. Eu pensava somente de que ele estava sóbrio e eu bêbado.

Pensei que eu deveria também ficar sóbrio.

Afinal, eu era o número um em tudo, eu é que deveria estar falando da vida com sobriedade, para ele e para todos os demais.

Alguma coisa estava errada, e a obsessão foi crescendo e crescendo.

Finalmente, eu pensei, comecei a entender e a compreender. Por um breve instante eu pensei: Se alguém aparecesse e me dissesse que havia um médico que pudesse curar um câncer dos olhos, eu estaria disposto a ir de mãos no chão e joelhos para encontrá-lo; e eu tinha uma doença igual ao câncer, que estava me matando, e eu não estava fazendo nada me curar.

Quanto mais pensava a este respeito, compreendia que estava louco.

Eu teria que investigar isto.

Eu tinha vivido a minha vida investigando, como um investigador de empréstimos.

Eu poderia analisar este grupo Oxford.

Eu poderia fazer uma análise profunda desse grupo, para ver se eles podiam ajudar-me.

Talvez eu poderia dar uma olhada e aproveitar o que eles tinham de bom para oferecer; o resto eu deixaria de lado. Ninguém precisaria saber disto, talvez Lois, ninguém mais, a não ser Abby, caso ele me visse.

Eu falei da minha ideia pra Lois, e que Deus a abençoasse; e ela me ajudou.

No dia seguinte, com a ajuda dela eu me banhei e fiquei asseado.

Ela me deu alguns dólares.

Finalmente, nesta tarde, eu peguei o metrô para Manhattan, a fim de dar uma olhada no grupo Oxford.

Eles se reuniam na Missão do Calvário na Rua 23.

Creio que alguns de vocês recordem o local.

Quando eu desci do metrô, compreendi que havia feito um erro; eu peguei o metrô no Brooklyn e desci no Oeste de Manhattan em vez de ir para o lado Leste, onde ficava a missão, e nesta parte, a distância é maior entre o Oeste de Manhattan e o Leste (a Ilha de Manhattan é dividida no meio pela quinta avenida, lado Oeste e o lado que esta New Jersey do outro lado do rio, o lado Leste tem Brooklyn e Queens do outro lado do rio).

Como ainda era cedo, decidi ir andando até a reunião, porque ainda havia muito tempo até o começo da reunião.

Depois de ter andado alguns quarteirões, comecei a olhar pelas janelas para dentro dos bares, meus lugares de bebedeiras, para ver se via alguém que eu conhecia.

Não via ninguém; eu continuei andando e fui ficando desesperado, pois, já estava chegando perto da missão, onde haveria a reunião.

Decidi atravessar a rua para dar uma olhada na janela de um dos meus bares favoritos para bebedeiras.

Olhei pela janela para ver se havia alguém conhecido lá dentro.

Entrei no bar olhei ao redor e não reconheci ninguém.

Então, eu disse a mim mesmo: Por que você não espera? Pode ser que apareça algum conhecido.

Esperei, esperei e esperei, não apareceu ninguém.

Quando alguém espera dentro de um bar, tem que pedir alguma coisa para beber, para não parecer suspeito, eu pedi uma cerveja, depois mais uma e mais uma com um gole para ajudar.

E antes de perceber, eu perdi a consciência como era meu costume, e fazendo tudo isto quem tinha vindo para uma reunião em Manhattan!

Quando recuperei a consciência, percebi que estava conversando com um sujeito que falava com um sotaque muito pesado.

Pude entender que o homem era um pescador Finlandês.

E eu tinha vindo para uma pescaria de homens.

Eu disse para meu novo amigo; venha comigo, vamos encontrar Deus. Porque eu ainda tinha uns dólares; ele me acompanhou, pois sabia que ainda poderíamos beber mais um pouco.

Depois, enfim chegamos à missão.

A reunião já havia começado.

Tex Francis estava na entrada. Ele queria impedir-nos de entrar, pois percebera que nos estávamos embriagados.

E começamos a dar empurrões uns nos outros, e eu já estava preparado para levar mais uma surra costumeira.

Neste momento apareceu Abby, ele percebeu a situação e disse para Tex: Pode deixar que eu vou ser o padrinho deles lá dentro.

E nós entramos na missão.

Lá dentro, o mau cheiro era envolvente.

Os rapazes vinham usando a mesmas roupas por anos seguidos. O mau cheiro do corpo deles era insuportável. Alguns tinham as calças molhadas de urina e fediam fezes também.

O cheiro de álcool era sufocante.

Havia um grande bule de café fervendo, uma panelona de feijão.

Eu me lembro até hoje, todo aquele cheiro inesquecível. Abby deu-nos um prato de feijão e uma caneca de café e eu fui me sentar no meio deles.

Depois de comer o feijão e beber o café, eu comecei a melhorar do estado alcoolizado.

E daí para frente comecei a pensar que, afinal, estes rapazes não eram tão maus assim.

Eles apenas tinham descido um pouco mais do que eu tinha descido na vida.

Depois que eu comecei a me sentir melhor, creio que perdi a consciência outra

vez.

O que aconteceu depois foi me contado por Abby na manhã seguinte.

Parece que durante a minha perda de consciência, quando alguém começou a dar testemunho, eu voltei à consciência e me levantei juntamente com o finlandês e fomos para frente do grupo.

Logo em seguida, comecei a aceitar a Cristo. E, antes que alguém pudesse entender o que eu estava fazendo, comecei a entoar cânticos pulando, tocando tamborim e gritando por Jesus.

E também dava testemunho do perigo e miséria do álcool.

E de acordo com Abby, todo mundo ficou estático e me admirando e concordando comigo. Todos estavam encantados comigo.

Quando ele me contou tudo isto, na manhã seguinte, eu fiquei completamente mortificado, pois, eu sabia que eu não acreditava em uma só palavra do que havia dito.

Eu sabia somente de uma coisa: Eu jamais voltaria a Manhattan.

O simples pensamento de encontrar algum bêbado e que ele viesse me dizer: Você foi um espetáculo na missão na outra noite.

Essa ideia era repulsiva para mim.

Pude compreender então, que este era o início da loucura do álcool.

Eu estava caindo cada vez mais e jamais me recuperaria!

Eu agora estava chegando ao fim!

Abby apenas disse, quando ia saindo, na porta: Você tinha me convencido e foi-se embora. Eu voltei para casa e continuei cheio de piedade de mim mesmo; logo percebi alguma coisa, que eu não tinha percebido naquela manhã.

Quando eu enfiei a mão no bolso traseiro da minha calça eu encontrei dinheiro.

Loiz ia saindo e eu entreguei o dinheiro para ela.

Percebi então, que uma coisa semelhante nunca jamais tinha sucedido comigo.

Quando eu voltava para casa, jamais regressava com um tostão no bolso, gastava até meu último centavo; alguma coisa havia acontecido?

O que era, eu não sabia! Eu teria que descobrir!

Seria necessário, portanto que eu me tornasse sóbrio.

Claro, eu ficaria sóbrio e voltaria ao grupo Oxford, para saber o que havia acontecido.

Eu teria que tentar sair daquele abismo em que tinha jogado a mim mesmo. Eu teria que descobrir de qualquer maneira, como eu poderia tornar-me sóbrio?

A minha experiência me dizia: Voltando para o Towns Hospital, meu cunhado pagaria; certamente ele pagaria os 125 dólares para pagar os cinco dias necessários para eu me tornar sóbrio.

Bem eu não sei a respeito de vocês!

Eu apenas sei, que para alguém se tornar sóbrio ele tem que ficar bêbado.

Claro que não haveria sentido ir para o hospital de ressaca, e o desperdício de dinheiro, pagar 125 dólares para ficar sóbrio!

Como eu tinha sido tonto, o bastante para dar o meu dinheiro para minha mulher; eu não tinha dinheiro para beber.

Quando enfiei a mão no bolso, encontrei apenas seis centavos.

Com cinco centavos eu pagaria o metro, me sobraria um centavo! Nem no Brooklyn você poderia ficar bêbado com um centavo apenas.

Eu me vesti e fui andando, de bar em bar, até que conseguir encontrar um que me vendeu fiado.

Vendeu-me fiado graças ao crédito de Lois. Eu comprei fiado quatro garrafas de cervejas.

De cara, bebi duas garrafas, pois eu tinha muita sede.

As outras duas garrafas, eu levei comigo no metro. Ofereci uma para uma pessoa no metro, e a pessoa recusou.

Não tive outro jeito, senão beber mais uma.

Finalmente, quando cheguei ao Towns Hospital, sacudindo a última garrafa no ar sobre a minha cabeça.

De cara, encontrei o Doutor Silkworth e fui gritando para ele: Doutor, eu encontrei Deus.

Ele deu uma olhada em mim e na minha garrafa e foi dizendo apenas: Eu vejo a sua situação meu rapaz, vá logo para cima e troque de roupa.

Eu fui para cima, troquei de roupa e terminei a última garrafa de cerveja.

Três dias mais tarde, depois dos calmantes e do álcool, estava deitado na cama cheio de remorso, de culpa e de piedade de mim mesmo.

Sentia-me mais do que tudo, cheio de raiva, meio enlouquecido e completamente humilhado.

Cheguei à conclusão, depois de uma luta tremenda comigo mesmo, que eu não tinha nenhuma intenção de ver o grupo Oxford outra vez.

Eu devia 125 dólares ao meu cunhado e tinha, também, causado uma situação, minha mulher não falava mais comigo, com toda razão; e continuava a pensar na coisa terrível que eu havia feito.

Quando olhei para a porta, vi que Abby estava ali.

A primeira coisa que eu fui dizendo para ele foi a seguinte: Aqui está um homem que pratica aquilo que diz!

Eu tinha ouvido os empregados do hospital dizendo como estava frio quando chegavam para trocar de turno, eis que aqui estava o meu amigo que tinha vindo me ver e visitar apesar de tanto frio!

E, a única coisa que ele disse para mim foi: Sinto muito vê-lo aqui outra vez Bill!

Eu tinha pensado de que o programa havia funcionado para você desta última vez! Contudo, creio que estava enganado. Se você precisar de ajuda, não se preocupe, você pode me chamar outra vez. Torne sua vida para Deus.

Eu disse-lhe: Espere um momento Abby, qual era mesmo aquela simples fórmula que você recebeu do povo do Oxford e que fez com que você se tornasse sóbrio? Abby respondeu: É muito simples: Torne-se honesto e fale com os outros, procure reparar o mau que você já fez para os outros, procure ajudar aos outros e peça a ajuda de Deus. Qualquer Deus, a maneira que você possa entendê-lo, para ajudá-lo a fazer estas quatro coisas.

Porque ele havia mencionado D E U S. Eu disse: não, muito obrigado! Eu ainda rejeitava a ideia de um Deus pessoal.

Que piada! Que desperdício, eu disse para mim mesmo.

Eu continuei deitado e foi se tornando cada vez mais escuro aquele quarto.

E, sentindo ainda um pouco de dor, eu caí na depressão mais profunda que jamais tinha sentido.

Fui caindo, caindo, como descendo numa fossa profunda e escura até que cheguei ao fundo.

E, como foi dito antes, quando eu fui introduzido para falar, que eu tinha vivido muitos momentos na minha vida. Por um breve momento o meu orgulho, a minha resistência orgulhosa me deixou.

E de repente eu estava gritando: Se existe um Deus, que ele apareça para mim!
Eu estou pronto para fazer qualquer coisa, qualquer coisa!

E, de repente meu quarto ficou iluminado por uma luz imensa e brilhante.
Eu cai num êxtase que não existe palavras que possam descrever. Parecia para mim, aos olhos da minha mente que eu estava numa montanha e que um vento não de ar mais do espírito estava assoprando. E irrompeu em mim, senti que eu era um homem livre!

E a obsessão de beber me deixou.

Aos poucos o êxtase foi diminuindo.

Eu continuei em meu leito, porém agora eu me encontrava em outro mundo, num mundo novo da consciência!

Ao meu redor e dentro de mim havia um sentimento de uma presença maravilhosa.

Eu pensei comigo mesmo; 'então e este o Deus dos pregadores?'

O Deus de que eles veem falando todos estes anos? E uma paz muito grande me envolveu e eu pensei; não importa que as coisas pareçam erradas, entretanto todas coisas estão certas com Deus e seu mundo. Senti-me na presença de Deus, certo de que minha mente era inquisitiva e normal.

E, ao mesmo tempo a minha mente começou a dizer-me: Oh meu Deus, esta alucinação e a avó de todas alucinações!

É meu começo de caída na loucura que o doutor descreveu para mim. Eu fiquei amedrontado e pedi a enfermeira para chamarem o doutor Silkworth.

Ele veio e sentou-se na beirada de minha cama.

Eu contei para ele o que havia acontecido; e não sei de onde eu tirei a coragem para perguntar-lhe: Doutor, isto quer dizer que eu estou ficando mesmo louco?

Ele franziu as sobrancelhas e depois de uns momentos respondeu: Não, meu rapaz, não. Eu não presenciei o que aconteceu com você, entretanto, já li num livro a respeito de alcoólicos que se tornam sóbrios e posso dizer-lhe tudo aquilo que você tem.

Eu vi você momentos antes e não tinha a menor esperança de que você pudesse começar uma vida nova.

É melhor que você guarde, com todo cuidado tudo isto que aconteceu com você, pois é a única coisa que você tem.

Depois disto, ele foi-se embora eu adormeci, tranquilo, como uma criança.

Pela manhã, mais luz e clareza vieram para mim, quando o meu amigo Abby veio visitar-me.

Logo fui contando para ele o que havia sucedido comigo.

Ele saiu e mais tarde voltou com um livro, escrito pelo Dr. William James: 'as variedades das experiências religiosas'. Dr. William James, um psicólogo graduado da Universidade de Harvard.

O livro era muito difícil para mim, contudo eu o devorei, lendo-o todo de uma vez. Descobri, como quem descobre o valor de alguma coisa em dinheiro, o que havia acontecido comigo.

No livro, ele explicava de maneira clara e científica o que tinha acontecido comigo. E descrevia mais ainda, outras experiências religiosas semelhantes a minha, acontecidas com outras pessoas.

E, de acordo com as experiências religiosas que ele descrevia, eu identificava com a minha própria experiência.

E descobri assim, que outras pessoas tinham tido a mesma ou experiência

semelhante a minha.

E sendo um alcoólatra, eu me perguntava: Como isto pode ter acontecido comigo? Por que comigo?

Compreendi então, que durante os meus anos de alcoolismo, tinha sido como se eu estivesse numa caverna.

E, meus amigos e familiares, principalmente minha esposa estava de fora desta caverna chamando me para fora.

E, meu amigo Abby, que tinha estado numa caverna semelhante, quando ele estava bebendo, tinha encontrado o caminho de saída.

Depois que ele saiu de sua caverna, ele veio me chamar e me deu a mão para eu sair da minha caverna.

Um alcoólico ajudando ao outro.

Conclui, então, o que eu queria e devia fazer: Ajudar aos outros alcoólicos como eu.

Quando deixei o hospital, entrei no grupo Oxford, e assim eu continuei, e nos seis meses seguintes eu falei com muitos alcoólicos.

Ninguém me ouvia ou prestava atenção, eu não conseguia ajudar ninguém.

Eu estava convencido que todo mundo teria que ter a mesma experiência, de estar no alto de uma montanha e ter uma luz brilhante para iluminá-los e um vento soprando.

Todos fugiam de mim!

Alguns me diziam: Bill diga-nos que bebida você tomou naquele dia, para que não bebamos da mesma!

Eles pensavam que eu tinha tido uma alucinação.

Finalmente desencorajado, eu fui falar com o Doutor Silkworth.

Eu lhe disse: Doutor, por que eu não consigo ajudar as outras pessoas como o Abby pode ajudar-me?

Ele me respondeu: Bill, vou dar-lhe um conselho e você escuta se quiser.

- Bill, eu tenho ouvido você falar com outras pessoas; por que você não deixa de fora a ideia de Deus? Não fale de Deus, fale de você, de um alcoólico para outro alcoólico. Deixe que eles próprios façam a conexão; do sofrimento, da angústia, da dor, das mentiras.

Quando você conseguir fazer esta conexão, então fale de Deus, da parte espiritual.

E quando comecei a fazer assim, eles pararam de fugir de mim.

Ninguém deixou de beber, contudo eles começaram a me ouvir.

E logo os meus amigos e familiares começaram a dizer: Hei quando e que o Bill vai decidir voltar a trabalhar para tirar a Lois daquela porcária onde ela trabalha?

Eu compreendi que eles tinham toda a razão.

Eu não tinha tido nenhum sucesso com a minha tentativa de tratar com os alcoólicos.

Comecei então, a procurar algum trabalho andando pelas ruas e procurando aqui e ali.

Finalmente fiquei informado a respeito de um negócio que estava para ser começado em Akron.

Preparei-me para esta chance de conseguir alguma coisa. Mas, antes de falar o que eu fui fazer em Akron tenho que parar por uns minutos para um descanso.

(Intervalo)

Muito obrigado, fico contente de ver que ninguém foi embora e continuam ainda aqui.

Ante de começar, quero ter esta oportunidade de dizer que, quando fui introduzido por Peter para falar; na introdução, ele disse alguma coisa a respeito do anonimato.

'Anonimato e a fundação espiritual da nossa organização'.

Eu gostaria de notar um aspecto, muito importante a respeito do anonimato.

Contudo, nunca deixe que isto interfira na sua habilidade de ajudar outra pessoa.

Não seja tão anônimo como uma pessoa que eu conheci em um dos grupos; ele era tão anônimo que nem o padrinho dele sabia que ele pertencia ao grupo.

Não seja assim tão anônimo.

Akron em 1935 era uma cidade dividida entre si mesma.

Akron era matriz de das maiores companhias de pneus: Goodyear, Firestone and National Rubber.

Era minha intenção e de vários investidores tomar o controle de uma pequena companhia de máquinas que fornecia para as três grandes companhias.

A nossa intenção para conseguir isto, seria através de procuração.

E para assim fazer seria necessário informações de dentro. Mas, conforme eu já disse, a cidade era tão dividida entre as três companhias que se você falasse com uma, não conseguiria falar com a outra.

E porque éramos um grupo de New York, ninguém quis falar conosco.

Um outro grupo veio de Chicago, e como eles eram do Middlewest, eles conseguiram, porque eles tinham um caminho particular para conseguir o contrato. E eles conseguiram o contrato.

Como não havíamos conseguido, os investidores decidiram voltar para New York.

Eles tinham motivo para voltar; eu não tinha nenhum motivo para voltar.

Decidi ficar, pois esta era a minha única chance de me tornar presidente daquela companhia que eu queria criar.

Esta seria a minha salvação para pagar minhas contas e ajudar a Lois.

Eu iria começar a minha vida de novo.

Eu conversei com eles, e ficou decidido que eu poderia permanecer em Akron.

E assim todos foram de volta para Nova York e eu fiquei.

Eu havia ficado, para tentar descobrir se existia alguma coisa ilegal no contrato que as companhias tinham feito entre si.

Uma outra razão para eu continuar em Akron era porque o hotel já estava pago.

Ainda melhor se eu conseguisse descobrir algo ilegal no contrato feito pelas companhias, nos poderíamos processá-los e talvez recuperar grande parte do dinheiro que tínhamos investido.

E foi assim que naquele sábado, véspera do dia das mães, eu me encontrei no salão de entrada do Mayflower Hotel andando de um lado para o outro.

Quase no fim do salão, estava a mesa de recepção e o empregado que era encarregado de receber os hóspedes.

Atrás da recepção estava à entrada do bar.

Depois de muito tempo andando daqui para lá, eu decidi entrar no bar para tomar uma Ginger-ale.

Comecei a prestar atenção no barulho do bar e aos pouco comecei a sentir uma nostalgia muito profunda; e ela foi aumentando cada vez mais.

Eu tomei o copo de Ginger-ale, e tentei conversar com alguém para matar o tempo.

E assim que bebi a Ginger-ale eu comecei a entender o que realmente havia acontecido comigo naquele dia do Armistício, quando eu tinha ido ao Clube de Golfe em Staten Sland, o que eu queria não era simplesmente beber Ginger-ale, mas sim ficar bêbado!

Como eu tinha 10 dólares no bolso e naquele tempo em Akron com 10 dólares você podia ser rei por um dia.

Isto era muito dinheiro!

Como eu já estava sóbrio por um bom tempo, compreendi que deveria sentir medo da maneira em que eu estava pensando e racionalizando!

Eu entendi logo o que deveria fazer se quisesse continuar sóbrio.

Esta não era maneira de continuar pensando e manter-se sóbrio.

Eu tinha a necessidade de encontrar um bêbado para ajudar, e eu sabia que ele poderia me ajudar mais do que poderia ajudá-lo.

Não tinha mais dúvida, eu tinha que encontrar um alcoólico para conversar comigo.

Entretanto eu era novo em Akron e não conhecia ninguém.

Voltei para o salão do hotel e continuei andando de um lado para o outro, de repente não sei explicar por qual razão; comecei a ler um diretório de igreja que estava no meio do salão do hotel, na parte de baixo do diretório vi um nome que chamou minha atenção: Reverendo Walter Tonk.

Quando eu era criança em Vermont quando andava pelos bosques com outras crianças, costumávamos dizer que fizemos um (tonk) caminhada. Este nome foi como uma pista para mim.

Eu peguei na lista telefônica e encontrei o nome e o número do reverendo Tonk. Disquei o número dele e foi ele mesmo que atendeu.

Para vocês que jogam baseball isto foi como uma jogada de final de jogo e um alívio.

Eu estava falando com o fã número um do Oxford grupo de Akron, Ohio.

Expliquei para ele o que queria e também que eu era recém-chegado de Nova York e estava sóbrio por seis meses. E que eu necessitava era um encontrar um alcoólico para ajudar.

Ele respondeu que sentia muito, porém não sabia e nem conhecia nenhum alcoólico. Mesmo em caso de que ele conhecesse ele não poderia dar o nome para mim. Na opinião dele, para lidar com um alcoólico já era difícil demais, e seria muito mais difícil para eu cuidar de mim e de outro alcoólico. Depois de um momento ele continuou, eu conheço alguns membros do Oxford grupo.

Em seguida ele me deu os nomes de 10 membros do grupo e mais os números de telefones deles.

Eu troquei um dólar e peguei 20 moedas de cinco centavos. Liguei para o primeiro e ele não estava em casa; continuei chamando os outros números; uns não estavam em casa ou não sabiam de nenhum bêbado ou simplesmente desligavam o telefone.

Finalmente, quando disquei o último número, antes de discar eu tinha respirado profundamente.

A pessoa que respondeu era um homem que já estava preparando as malas para sair da cidade para o fim de semana.

Ele foi dizendo logo: sinto muito porém não posso ajudá-lo; eu senti uma dor profunda no coração!

Contudo no fim ele disse: anote este nome e número e tente chamar esta mulher,

o nome dela era Henrietta Seiberling.

Eu disse: Meu Deus, esta é a esposa de Frank Seiberling, o fundador da Rubber Companhia.

Eu conheci Frank Seiberling em Nova York, quando eu estava na Wall Street, nós éramos do mesmo clube naquela época.

Eu não poderia chamá-la e ir dizendo: Eu sou Bill Wilson de Nova York, você conhece algum bêbado que possa ajudar?

Entretanto, Henrietta Seiberling, não era a esposa de Frank Seiberling, mas sim sua nora que estava divorciando do filho de Frank.

Ela não morava na mansão dos Seiberling, mas numa casa que ficava perto do portão de entrada da propriedade. Ela morava ali com os três filhos, o marido dela morava na mansão do pai.

Eu senti um peso no coração e fiquei sentado na cabine telefônica e fiquei pensando: Se eu não fizer esta chamada vou acabar bebendo!

Finalmente, disquei o número e Henrietta atendeu.

Fui dizendo logo, para ela, o que eu queria. Ela respondeu: Venha logo e me deu o endereço.

Ela tinha se tornado membro do Oxford grupo alguns meses antes procurando ajuda durante o processo de divórcio.

Vocês sabem, o Oxford grupo não era uma religião, mais sim, uma seita sem denominação fundamentalista.

Eles praticavam um tipo de crença que vinha desde logo depois da morte de Cristo. Viviam como nos tempos logo depois de Cristo, não havia regras e estipulações e nem hierarquia.

Eram apenas um grupo de pessoas, tentando ajudar outras pessoas durante as crises da vida, procuravam ajudar também em questões de fé.

Eles sugeriam apenas rezar e meditar junto e isto era mais ou menos o que consistia o Oxford grupo.

Ela era parte do grupo e participava com a maior dedicação.

Há apenas duas semanas antes da minha visita a Akron, houve um homem que durante a reunião tinha testemunhado que era afligido pelo problema do alcoolismo. Ele havia dito também que este era o seu mais profundo e negro segredo.

Entretanto, toda a cidade de Akron sabia que ele tinha problema com a bebida.

O nome dele conforme ele revelou para o grupo era Doutor Bob Smith.

O que ele revelou para o grupo já era uma piada entre os médicos do hospital que dizia: faça uma aposta e arrisque se quando você for ver o doutor Bob Smith você vai encontrá-lo bêbado ou sóbrio!

Doutor Bob Smith era um bom médico e quando ele compartilhou seu segredo, ele tinha feito com muita honestidade.

Henrietta tinha muito orgulho pelo Doutor Bob e pelo pai dele, por esta razão, ela começou a rezar por ele.

Por isto, quando ela recebeu minha chamada, ela estava pensando nele.

Quando eu cheguei, foi como se tivesse ido fazer uma entrevista.

Ela queria saber e ter certeza de que eu era de fato um alcoólico.

Claro que isto foi algo muito estranho para mim, pois eu nunca tinha tido até então que provar para ninguém de que eu era um alcoólico.

Quando ela ficou finalmente convencida de que eu era mesmo alcoólico ela foi ao telefone e chamou Anne Smith, a esposa do doutor Bob.

Henrietta falou com Anne que em sua casa estava este rapaz alcoólico de Nova York que poderia ajudar o Doutor Bob.

Anne começou a dar uma e outra desculpa dizendo que não acreditava que doutor Bob pudesse vir até a casa de Henrietta.

Henrietta não desistiu e continuou insistindo.

Finalmente Anne disse: Escute bem aqui, Bob veio para casa com um vaso de plantas dizendo que era um presente para mim pelo dia das mães. Ele colocou o vaso na mesa da cozinha, e desmontou adormecido debaixo da mesa. Já fiz tudo para despertá-lo mais não consigo.

Henrietta não desistiu e disse: Anne eu tenho uma ideia: Vou dizer a este rapaz de Nova York para que ele volte amanhã.

Venha aqui amanhã com Doutor Bob Smith, lá pelas cinco da tarde para jantarem comigo.

Eu voltei para o hotel e tive uma noite bem tranquila.

No dia seguinte, andei um pouco pela cidade e depois fui novamente para a casa da senhora Seiberling, a fim de encontrar com o doutor Bob Smith.

Quando eles chegaram, notei logo que Doutor Smith tinha uma aparência horrível, depois de mais uma bebedeira.

Creio que me introduzi bem, pois fui logo dizendo: Alô amigo, creio que você pode usar a ajuda de mais um alcoólico para começar mais uma bebedeira.

Eu percebi que ao ouvir isto ele se sentiu mais à vontade.

Creio que ele disse para si mesmo: Eis aqui um cara que sabe de que esta falando!

E nos dirigimos para a sala de jantar para começar o jantar.

Bob estava num estado tão terrível; tremendo, derramando a comida do prato sem conseguir segurar direito o garfo.

Eu fiquei com pena dele e disse-lhe: Vamos deixar a comida para mais tarde.

Em vez disso, vamos para aquela outra sala a fim de conversarmos.

Ele concordou comigo, pois tinha percebido a impressão que estava causando.

Nós fomos para uma pequena biblioteca, quando estávamos nos dirigindo para a pequena biblioteca ele disse para Anne: Eu vou dar a este bêbado 15 minutos e depois vou mandá-lo seguir seu caminho!

Eu disse para mim mesmo: Terá que acontecer um desastre aéreo ou ferroviário para nos tirar dali.

Doutor Bob não acreditava jamais que alguém vindo de Nova York pudesse ajudá-lo a ficar sóbrio.

(Os americanos em grande maioria, do meio do Oeste e do Sul dos Estados Unidos, desconfiam dos americanos do Leste, principalmente de Nova York).

Antes de começar a nossa conversa, eu me lembrei do conselho do Doutor Silkworth. Comecei a por em prática aquilo que tinha aprendido.

Eu disse-lhe Doutor eu necessito de sua ajuda!

Ao que ele respondeu: Eu pensei que você iria ajudar-me!

Eu contestei, não Doutor eu preciso, senão voltarei a beber.

E de acordo do Doutor Silkworth eu comecei a contar-lhe a história de minha vida.

Ele sacudiu a cabeça e começou a escutar-me.

E continuou escutando-me e escutando; às vezes sacudia a cabeça, outras vezes dizia alguma coisa.

E falei da doença do alcoolismo.

E ele que vinha praticando medicina por trinta anos continuou escutando-me com

toda atenção.

E os 15 minutos se transformaram em 5 horas!

Quando terminamos e saímos da biblioteca, ele colocou as mãos nos meus ombros e disse para Anne: Querida será que nos poderíamos levá-lo para casa conosco.

Creio que este rapaz pode ajudar-me.

Ela respondeu: Claro que sim.

E alguns dias depois deixei o hotel e me mudei para a casa do Doutor e da senhora Smith, Bob Junior e Sue.

Eu fiquei com a cama de Bob Junior que passou a dormir em um sofá.

E daí em diante eu me tornei tio Bill para as duas crianças.

O amor, a paz, a alegria e felicidade que encontrei naquela casa eu jamais esquecerei e encontrarei nesta terra!

E todos os dias nos caminhávamos juntos líamos as nossas preces, rezávamos e compartilhávamos uns com os outros.

Doutor Bob continuou praticando o resto da prática de medicina que ainda lhe restava.

Anne ficava cuidando da casa e participando conosco.

E continuamos conversando entre nos e compartilhando para ajudar-nos uns aos outros.

Os dias foram passando e Doutor Bob continuava sóbrio, e isto era algo maravilhoso.

Porém, um dia de manhã, ele disse que iria participar de uma reunião de medicina em Atlantic City.

Ele jamais tinha perdido uma conferência de medicina nos últimos trinta anos.

Bob não pensava em deixar de atender esta reunião em Atlantic City, ainda mais agora que estava sóbrio.

Anne tentou convencê-lo a não ir dizendo-lhe: Querido você não devia ir, você sabe bem como são esses congressos de medicina?

Ele respondeu que tinha que ir, principalmente agora ele precisava ir para provar se o que estávamos fazendo funcionava.

Ainda mais que este rapaz não poderia ficar aqui para sempre.

Logo ele terá que voltar para Nova York, a fim de conseguir um trabalho.

Ele tinha toda a razão, pois eu não poderia continuar sem trabalhar para sempre.

E assim ele partiu para Atlantic City.

A verdade foi a que ele nos disse mais tarde, por si mesmo.

Antes de o trem deixar a estação, ele começou a beber e não partiu de viagem.

Nós fomos encontrá-lo, cinco dias mais tarde na casa de uma sua ex enfermeira, que junto com o marido dela o haviam encontrado no norte da cidade.

Os dois levaram Doutor Bob para a casa deles e tentaram curá-lo da bebedeira.

Como não conseguiram, desesperados, eles nos chamaram e nos fomos buscá-lo e o trouxemos para casa.

Eu fiquei com meu coração despedaçado e decidi ir me embora.

Anne, entretanto, me implorou dizendo: Bill, por favor, você não pode ficar mais uns dias até que ele fique bom outra vez?

Ainda mais que ele tem que fazer uma operação num paciente em poucos dias, e se ele não fizer esta operação, nos vamos perder o hospital, o teatro e tudo mais!

E para ajudá-lo, mais uma vez, eu decidi ficar.

Depois que o trouxemos para casa, depois de muitos litros de café, e a receita

que eu tinha e que era minha própria para curar ressaca: fatias de tomate, laranjada, sucos de repolho e melado.

Nós enfiávamos tudo na boca dele e ele tinha que engolir tudo.

E nos fazíamos ele andar de lá para cá.

Depois de alguns dias, ele ficou sóbrio bastante para tentar fazer a operação.

Quando eu fui levá-lo ao hospital para fazer a operação, ele tremia tanto que eu comprei uma garrafa de cerveja e dei para ele beber.

Ele ficou muito agradecido e as mãos dele ficaram firmes.

E deixei-o no hospital e ele conseguiu fazer a operação.

Entretanto, quando ele ia subindo as escadas do hospital ele voltou até o carro ficou encostado na janela do mesmo e olhando para mim ele disse: Bill eu vou fazer aquilo!

Eu fiquei admirado por ele ter dito que iria fazer aquilo, porém não entendi.

Para dizer a verdade eu já estava cansado dele!

Eu apenas respondi: vai e faz o que você tem que fazer.

Voltei para casa e fiquei esperando pela sua chamada a fim de ir buscá-lo do hospital.

E o tempo foi passando.

Deram dez horas, deu meio dia, deu duas horas e nada do Doutor Bob.

Finalmente às cinco horas da tarde um táxi parou na entrada da casa.

Anne puxou a cortina da janela para o lado e espiou da janela.

Eu perguntei: E ele, como ele está ?

Ela respondeu: Não sei, não dá para ver direito.

Dentro de pouco Doutor Bob entrou em casa.

Houve um momento de silêncio profundo e ninguém de nós sabia o que dizer!

Por fim Anne disse: Querido aonde você andava, nos estávamos morrendo de preocupação?

Onde eu estive? Eu estive por toda a cidade de Akron pedindo perdão, pedindo desculpas, procurando todas as pessoas que eu devia dinheiro e prometendo pagar-lhes.

Dizendo para todas as pessoas que ele conhecia em Akron que ele era um alcoólico.

Ele tinha procurado e ido pedir perdão a todas aqueles que ele havia ofendido.

Ele tinha posto em prática um dos primeiros passos que ele tinha aprendido no Oxford grupo.

Ele tinha começado a praticar tudo que nos havíamos aprendido entre nós.

Era isto que ele queria dizer, quando na porta do hospital ele disse para mim: Bill creio que vou fazer aquilo.

E isto aconteceu no dia 10 de junho de 1935.

Aquela cerveja que eu dei para ele foi o último gole.

Doutor Bob Smith nunca mais voltou a beber até sua morte.

E eu também não voltei para Nova York.

Doutor Bob disse-me: Bill nos temos que ajudar outro alcoólico, se ficarmos em casa conversando uns com os outros nos não vamos conseguir ajudar ninguém.

Necessitamos procurar e encontrar alguém que necessite ajuda.

Ele ligou para o Hospital de Akron e falou para a enfermeira chefe: olhe eu tenho aqui em casa um rapaz de Nova York que tem a cura para o alcoolismo.

Você tem alguém internado no hospital que necessita ajuda?

A enfermeira começou a rir e respondeu-lhe: Hei doutor que tal se você pedir ao tal rapaz para ajudá-lo primeiro! O senhor está sóbrio?

Doutor Bob disse para ela: Não para ajudar a mim, eu já estou sóbrio.
Ela disse então esta bem. Eu tenho um cara aqui que seria ideal para vocês.
O tal rapaz tinha vindo do sul e já havia sido Vereador da cidade.
A enfermeira continuou: Ele deu um murro no olho da enfermeira chefe do pavilhão dele e ela ficou com um olho negro e inchado.
Nós temos o cara amarrado na cama. Esse cara é um bêbado terrível, ele pediu e vai ser internado no Hospital Geral do Estado de Ohio para insanos quando puder sair daqui.
Estou certa que ele é um ótimo candidato para vocês!
Dr. Smith disse para ela: Claro que ele é um bom candidato para nós.
Sem que eu soubesse, ele mandou a enfermeira dar uns calmantes para o sujeito e transferi-lo para um quarto particular.
Bob disse ainda para a enfermeira que ele iria pagar pelas despesas do quarto.
Desta maneira nós poderíamos falar com ele em particular.
Nós fomos para o hospital e quando ali chegamos, encontramos o homem amarrado na cama.
E naquele tempo quando alguém era transferido para um quarto particular, significava que você estava morrendo.
O pobre sujeito estava completamente aterrorizado.
Ele estava numa suadeira tremenda, com os olhos estatelados e inchados.
Ele quase não podia mover na cama.
Quando ele nos viu ficou ainda mais amedrontado pensando que nos éramos agentes funerários e que tínhamos vindo para medir o corpo dele.
Assim, ele estava mais do que aterrorizado.
Com o passar dos minutos ele foi ficando mais tranquilo e confiante quando percebeu que não éramos o que ele havia pensado.
Logo começamos a contar-lhe as histórias de nossas vidas.
Como as nossas vidas tinham sido antes, o que havia acontecido, como era agora e o que estávamos fazendo ali.
E ele nos escutava com os olhos arregalados e sem poder mover os braços amarrados. Ao poucos nos pudemos ver como a paz de Deus estava descendo sobre ele.
Quando terminamos de contar a nossa história, perguntamos-lhe: Qual é sua opinião?
Ele respondeu: Olhe meus amigos, fico muito feliz por vocês e desejo-lhes muito sorte e sucesso. Contudo, creio que já é muito tarde para mim. Eu tenho medo que quando sair daqui poderei acabar matando alguém na minha próxima bebedeira. Eu já pedi para ser internado no hospital estadual de Ohio para insanos. Para mim como já disse é muito tarde. Não fui eu quem deixou Deus, porem Deus foi que me abandonou!
Nós não tínhamos uma resposta para ele, ficamos sem encontrar um recurso para responder-lhe.
E já íamos embora e não me recordo bem, se fui eu ou Bob que voltou e disse-lhe: Pode ser que esquecemos de alguma coisa.
Será que poderemos voltar outra vez?
Claro que vocês podem voltar, vocês sabem bem como é solitário o tal problema de desintoxicação? Todo mundo nos odeia e não suportam a nossa presença todos querem se ver livres de nos. Por favor, voltem outra vez e quantas vezes quiserem voltar.

Por fim nos concluímos que tínhamos vendido apenas à metade da nossa ideia e não a ideia completa.

Precisaríamos, então conversar com ele outra vez.

Quando voltamos para vê-lo depois de alguns dias, ele não se encontrava mais no quarto privado; mais sim na enfermaria geral no meio dos outros pacientes.

Quando ele nos viu chegar, começou a gritar como um louco: Aqui estão vocês! Ele gritou tão alto que uma enfermeira deixou cair à bandeja.

Nós tentamos acalmá-lo mais ele continuou gritando aqui estão eles!

E dizia para sua esposa que tinha vindo visitá-lo: São eles querida, eu não estava sonhando ou delirando! Alguém tinha vindo me ver como eu estava dizendo a você! Eles estiveram aqui para me ver. Querida este homem aqui e um vendedor de ações, e este outro e um Doutor aqui do hospital. Eu não consegui esquecê-los e tirá-los da minha mente. Conte para ela o que vocês contaram para mim.

E novamente repetimos as nossas histórias para ela e ele.

Quando terminamos ele disse para a sua esposa: querida pegue as minhas coisas e minha roupa que eu vou para casa.

O nome dele era Bill D. e Bill D. era AA numero três.

Agora já tínhamos o terceiro membro do nosso primeiro grupo AA. e até hoje nos reunimos em Akron.

Assim já tínhamos alguma coisa.

O que era fora do comum é que Bill D. não era membro do Oxford grupo.

Mesmo assim ele havia entendido a nossa mensagem e de que estávamos falando.

Estes tempos foram maravilhosos para nos!!!

Dois anos mais tarde já éramos 40 homens.

A maioria deles eram de Akron e alguns eram amigos de Nova York. Quarenta homens que estavam sóbrios por seis meses ou mais!

Nós pusemos os nomes de todos os membros escrito num papel sobre a mesa da cozinha.

Bob comentou: Dessa maneira que vamos caminhando, lá pelo ano de 2000 seremos uns mil ou talvez mais.

Nós necessitamos de nos organizarmos e espalhar a nossa mensagem de uma maneira melhor.

E eu disse: Mas para fazer isto vamos necessitar de dinheiro.

Ao que todos responderam: Bill você é o entendido em questões de dinheiro, você é que sabe como podemos conseguir dinheiro.

Eu fiz algumas tentativas para conseguir dinheiro e todas elas foram um verdadeiro desastre.

Contudo vamos deixar isto para outro dia e outra reunião.

Finalmente alguém sugeriu que a melhor maneira para conseguirmos dinheiro seria escrevendo um livro.

E assim pedimos algum dinheiro emprestado, vendemos algumas coisas e abrimos a chamada publicações mundiais.

Entretanto ninguém tinha nenhuma experiência em como escrever um livro.

Por minha parte eu escrevi um capítulo e algumas coisa mais.

Bob escreveu um capítulo e Dr. Silkwoth escreveu também seu capítulo e outras coisas mais.

Também os membros de Nova York, Akron e Cleveland escreveram as suas histórias. Por fim, já tínhamos o começo de um livro.

Entretanto, nenhum de nós tinha uma ideia clara e completa de como a nossa organização funcionava.

Quando alguém nos perguntava: Como e que vocês propõem fazer funcionar a organização e as ideias de vocês?

Nós respondíamos que as nossas ideias e organização funcionavam muito bem. Era verdade que nos tínhamos os Seis passos, os Cinco originais e antes deles nós tínhamos acrescentado o 1º passo: Admitimos que éramos impotentes perante o álcool e que tínhamos perdido o controle sobre as nossas vidas, e eram estes passos as únicas coisas que nos tínhamos.

Em verdade, nós não tínhamos nada concreto.

A única coisa que sabíamos repetir e que a nossa organização funcionava perfeitamente.

Até que uma noite, éramos um grupo e estávamos reunidos no nosso lugar de reunião ao redor de uma mesa, no alto Brooklyn.

Lois ainda continuava trabalhando naquela porcaria de loja.

Esse nosso lugar de reunião era na casa do meu cunhado.

Estávamos tomando o resto de café que Lois tinha feito pela manhã e discutíamos como teríamos que fazer para a nossa mensagem funcionar melhor. Discutíamos e discutíamos sem chegar a uma conclusão e mais ainda o que tínhamos que acrescentar no livro.

Nós havíamos feitos muitas dívidas, o livro teria que ser publicado.

E o livro teria que se tornar um Best Seller.

Para isto acontecer, nos tínhamos que continuar escrevendo.

Estávamos no ano de 1939. A feira mundial do livro tinha sido aberta e tudo que se escrevia falando sobre ciências era vendido rapidamente.

Assim chegamos à conclusão de que se quiséssemos vender o nosso livro, teríamos que publicar um livro científico.

Nada de falar em religião no nosso livro.

Eu concordei plenamente com eles.

Lois já havia retornado do trabalho, e estava na cozinha fazendo mais um bule de café. Ela ouviu o que nos dissemos na sala.

De repente escutamos um barulhão de alguma coisa sendo quebrada na cozinha!!!

Lois veio enraivecida para sala e foi gritando: fora, fora, todo mundo para fora!!!

Ela colocou o dedo no meu nariz e foi dizendo: O senhor você vai beber e ela estava tremula.

Eu perguntei-lhe: Por que você diz isto?

Ela respondeu: Você já esqueceu quem o tornou sóbrio?

Depois de ter dito isto, ela subiu as escadas para o quarto de dormir.

Eu não quis argumentar com ela; melhor eu pensei é deixá-la se acalmar primeiro.

E continuei sozinho na sala.

Havia um pequeno cômodo embaixo das escadas que subia para a parte de cima da casa.

Era neste pequeno quarto que eu costumava ficar quando queria meditar.

Entre no quarto e comecei a pensar nas palavras que ela me havia dito: Não se esqueça que foi Deus que lhe deu a sobriedade.

Comecei então a refletir no meu passado e em todas as coisas que deram uma direção e tinham me ajudado na vida.

Comecei a refletir também, em todas as verdades que havia aprendido no Oxford grupo.

Comecei a refletir também, em todas coisas que o Dr. Bob tinha compartilhado comigo nos últimos quatro anos.

Depois, peguei um bloco de escrever que eu mantinha embaixo da cama e comecei a escrever.

Quando terminei eu havia tomado aquelas seis ideias que tínhamos e as dividi em pedaços menores, e no final eu tinha os 12 PASSOS.

No segundo passo eu identifiquei Deus e no terceiro eu chamei Deus pelo seu nome.

Eu parei no número 12 pelo seguinte motivo: Houveram 12 apóstolos, e se para Deus os 12 apóstolos foram suficientes? 12 passos seriam suficientes também para nós.

Saí do quarto então, e vim para a sala.

Havia alguns membros do grupo tomando o restante do café, eles tinham voltado para dentro de casa.

Eu sentei-me na sala com eles, pois eu sabia bem que o livro tinha que ser publicado.

Fui falando para eles: É desta maneira que vamos fazer.

Em seguida li os 12 passos para eles.

Eu esperei pela opinião deles e não houve nenhuma e nem nenhum argumento.

Um rapaz porem disse: Bill você se importa em cada vez que você mencionar Deus você acrescentar: Da maneira que você o entende?

Eu respondi: Está bem vamos acrescentar isto.

Agora nos tínhamos os 12 passos e também tínhamos o livro.

A única coisa que estava faltando era o nome para o livro.

Eu sugeri com toda modéstia que Bill Wilson devia ficar calado e não deveria dar opinião.

Alguém sugeriu que chamássemos o livro de 'o caminho de saída'.

Porém, alguém se comunicou com a livraria do congresso em Washington e foi informado de que já haviam 12 títulos o caminho de saída.

Começamos novamente a procurar um título.

Como já éramos 100 homens, por que não chamar o livro 100 homens? Pareceu nos um bom nome.

Contudo não podíamos chamar o livro 100 homens e uma mulher?

Por certo todos iam perguntar: e o que foi que aconteceu com uma mulher ?

Durante uma reunião noturna havia um rapaz que eles tinham trazido do Hospital Bellevue (Bellevue talvez seja o hospital Municipal mais antigo de Manhattan.

Este hospital é também um Hospital psiquiátrico. Quando a policia encontra indigentes vagando pelas ruas, com problemas mentais que são perigosos para o público e para si mesmos, a policia os levam para Bellevue. É costume dizer em brincadeiras ou para insultar alguém que age de maneira estranha: Deixaram o portão do Bellevue aberto).

Este rapaz era meio louco e ficava repetindo: Anônimos Alcoólicos.

Acabamos tendo que levá-lo de volta para o hospital, onde ele acabou morrendo.

Dissemos então: vamos chamar o livro Anônimos Alcoólicos?

Alguém sugeriu, entretanto: vamos por alcoólicos primeiro, e isto foi aceito, foi assim que ficamos com o nome de Alcoólicos Anônimos.

Nós mandamos imprimir 5000 cópias.

Vendemos 102 cópias.

As mulheres compraram duas cópias.

Nem mesmo como presente nós conseguíamos dar os livros, quanto mais vendê-los. Mas, esta é uma outra historia e se vocês quiserem saber como foi, vocês precisam convidar-me para falar outra noite.

Hoje nos somos cem mil e não sei quantas centenas de mil livros já foram vendidos e estão por ai espalhados.

Somos cem mil pela graça de Deus.

Este livro traz apenas sugestões.

Ele não tem todas as sugestões e respostas e muito menos nós temos estas respostas todas.

Apenas sugerimos, que quando vocês fizerem suas preces pela manha diga: O que eu posso fazer para ajudar os outros que ainda vivem escravizados e que ainda sofrem? Confie que as respostas virão, se você tiver a sua casa em ordem. Claro que você não pode dar o que não tem!

Mantenha sempre a sua boa relação com Deus.

Se Entregue aos cuidados dele.

Livre-se de todas as coisas más que você já tenha feito.

Seja ativo e ajude a outras pessoas.

E tenha uma vida completa e honesta.

AA é sinceridade, simplicidade e humildade.

E, em caso de que eu não tenha sido claro e vocês não puderam me entender completamente, fiquem certos de que ninguém pode entender tudo claramente.

A nossa força vem da nossa fraqueza.

O fato é que nós conhecemos as nossas fraquezas e daí que vem a nossa força. Nós precisamos adquirir alguma forma de humildade antes de conseguir qualquer forma de ressurreição.

E dai vem o preço que temos que pagar para ter qualquer um começo de um renascimento espiritual.

Este grupo, esta hoje celebrando o seu primeiro aniversário.

Eu quero dizer a vocês que fico muito agradecido pela experiência que vocês me proporcionaram.

Mas, esta experiência é suficiente apenas para as necessidades do dia de hoje. A ordem que temos que seguir na vida é viver um dia, um momento de cada vez.

E para completar este momento façam tudo o mais perfeito que vocês possam.

Eu quero e devo agradecer a todos vocês por me terem deixado compartilhar com vocês alguns momentos de minha vida e da vida dele.

Creio que já estou começando a pregar e não e esta a nossa finalidade.

Eu quero agradecer aos meus amigos e a minha esposa que sugeriram de que eu viesse aqui.

Eles estavam certos, esta reunião me fez muito bem.

Eu espero; deixe-me pôr o meu casaco, aqui esta meu casaco.

Espero que vocês me convidem mais uma vez quando eu voltar de Akron,

Pois, eu vou precisar muito do suporte moral de todos vocês.

Eu já estou sentindo a falta de Bob.

Como vocês devem saber, eu e o Dr. Bob somos de Vermont.

Ele criou-se a 50 milhas distante de mim.

Ele era 15 anos mais velho do que eu.

Dr. Bob veio da aristocracia, o pai dele era um juiz.

Eu por outro lado, nasci em um salão.
Ele era médico e foi treinado para aceitar as pessoas da maneira que elas são.
Eu durante toda a minha vida, tenho procurado a minha promoção própria e me distinguir em qualquer coisa.
A busca da espiritualidade, minha busca da verdade foi sempre o tormento de minha vida.
Bob, porém, esteve sempre perto da verdade, e da verdade de todas as coisas e perto do poder que eu sempre procurei.
Ele encontrou a simplicidade e foi com simplicidade que ele viveu sua vida.
E isto que eu creio que o coloca mais próximo do nosso criador do que qualquer outra pessoa que eu já conheci.
E eu creio isto era necessário para fazer a nossa organização continuar crescendo. Bob com sua maneira simples durante a sua vida inteira; e a minha vida que é tão complicada que nada é simples e fácil para mim.
Eu estou contente por ter estado com Dr. Bob em Akron no último fim de semana.
E para aqueles de vocês que estiveram na convenção em Cleveland, vocês puderam ouvir a última palestra dele.
E eu creio, que nunca houve um discurso melhor do que aquele feito por ele.
Como ele podia reduzir os 12 passos em apenas duas palavras: Amor e Serviço!
Claro que ele, como médico, sabia cortar as coisas no tamanho necessário.
Ele foi treinado para isso.
Eu estive com ele e vi que ele estava sentindo muitas dores.
E apesar de seu sofrimento eu recebi toda a sua atenção e suporte.
Algumas pessoas às vezes dizem para mim: Bill você é o coração do AA. se eu for o coração, Doutor Bob era a alma e o sangue do meu coração.
Quando a reunião terminou eu tinha que vir de volta.
Eu tinha que pegar o trem para Nova York.
Ele chegou perto de mim e me deu este velho chapéu irlandês.
Ele disse-me: ponha este chapéu na cabeça porque esta chovendo.
Eu não quero que você fique doente, pois você tem muito trabalho para frente.
Eu tenho que dizer para vocês que não conhecem a história deste chapéu.
Nós dois revezávamos no uso deste chapéu; Bob usava uma vez e eu outra vez.
Desde a primeira vez em que vi este chapéu eu gostei dele.
Eu sabia que este sempre foi o chapéu favorito dele.
Eu disse para mim mesmo: Deixe-me ir logo antes que ele se arrependa e peça o chapéu de volta.
Quando eu ia entrar no táxi, eu olhei para trás e vi que ele tinha me seguido até a varanda.
Ele me olhava e estava apenas dizendo: Não complique as coisas Bill, mantenha a coisa simples. Mantenha a coisa simples!
Oh meu Deus, ele vinha repetindo isto por 15 anos!
Era este o meu amigo de 15 anos!
Eu nunca tive que falar uma palavra rude para ele ou ouvir uma dele! Eu olhei novamente para trás e não sabia que era a última vez que o veria vivo.
Como eu gostaria de ter sabido!
E hoje vindo para aqui e usando este chapéu, eu compreendi que naquela noite não estava chovendo em Akron.
Ele quis apenas dar-me alguma coisa que ele tanto queria.
O importante meus amigos e continuar propagando a mensagem do AA e

continuar ajudando aos outros.
Tradução e Adaptação por
Wainer (U.S.A) e Marta Quirino e (G.Cardim-SP)

IDENTIDADE EXISTENCIAL E ALCOÓLICOS ANÔNIMOS COMO UM MOVIMENTO DE AJUDA MÚTUA

Fundação Finlandesa para Estudos do Alcool, Helsinki
Klaus Mäkelä

Trabalho apresentado na 12ª Conferência da ABEAD, Pernambuco, Brasil, de 18 a 21 de setembro de 1997.

Este trabalho é baseado em Mäkelä e colaboradores, 1996.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Deixar uma adição geralmente não é uma mudança gradual. Às vezes, o envelhecimento, aos poucos, extingue o beber que havia sido bem pesado e que muito provavelmente teria gerado dependência. Usualmente, no entanto, a mudança é muito mais abrupta. Sem dúvida, tais alterações podem, em alguns casos, ser realizadas por simples determinação e força de vontade. Pode ocorrer, no entanto, que essas mudanças comportamentais radicais e duradouras usualmente também envolvam uma mudança existencial e uma reestruturação do "self".

Visto a partir desta perspectiva, Alcoólicos Anônimos é uma interessante saída para o alcoolismo. Como tal, A.A. não é um tratamento, mas um movimento de ajuda mútua. Esta distinção tem sido tornada menos nítida pelo advento do tratamento profissional inspirado ou orientado para o programa de A.A., que difere do assim chamado "tratamento dos 12-Passos" em muitos aspectos, além da ausência de uma relação profissional/ paciente. Uma das diferenças fundamentais está no processo do grupo, entre o que ocorre numa reunião de A.A. e o que acontece numa sessão profissional de 12-Passos.

A minha apresentação de hoje é baseada no "International Collaborative Study of Alcoholics Anonymous", um estudo sociológico de A.A. como um movimento de mútua ajuda com a participação da Áustria, Finlândia, Islândia, México, Polônia, Suécia, Suíça e dos Estados Unidos. O meu foco está nas características do A.A. e, particularmente, nas reuniões de A.A. como eventos em que se fala e que dão espaço e suporte para uma mudança existencial.

DIFUSÃO INTERNACIONAL DO A.A.

O A.A. se originou em 1935, nos Estados Unidos, e a maioria dos seus primeiros membros era da classe média superior. O A.A. pode ser descrito como uma invenção da classe média americana, mas tem mostrado uma impressionante

habilidade para se espalhar para culturas e grupos demográficos que são inteiramente diferentes do seu meio cultural de nascimento.

Harry Levine (1992) comenta sobre o A.A. como sendo uma continuação das tradições de temperança características dos países de língua inglesa e dos países nórdicos. Nesses países, a bebida alcoólica era, historicamente, de uso mais frequente e o Protestantismo, a religião dominante. A combinação do beber desintegrador e do Protestantismo levou a uma preocupação obsessiva acerca dos problemas do álcool e aos movimentos poderosos e duradouros de temperança. O A.A. é uma continuação da mesma preocupação acerca do álcool, mas numa nova situação histórica. A distribuição dos grupos de A.A. no mundo, por região e dos pontos de vista linguístico e cultural (Tabela 1), provê um suporte parcial à interpretação de Levine. As culturas de temperança de Levine responderam por 65 por cento da afiliação de membros de A.A., em 1988. No entanto, a tendência principal, visível na tabela I, aponta numa direção diferente. A proporção de todos os grupos ativos de A.A., situados nos países protestantes de língua inglesa e escandinava, claramente diminuiu de 1965 a 1988 e a participação dos países europeus do centro e do sul, particularmente os da América Latina, aumentou substancialmente. Em 1988, a América Latina respondia por quase um terço da afiliação de A.A. no mundo. Isso mostra que o movimento se espalhou bem além dos limites dos países tradicionais de temperança. Em 1986, as atividades duradouras de A.A. foram tipicamente estabelecidas em todos os países estáveis, não-comunistas e não-islâmicos. Depois das revoluções que aconteceram na Europa Oriental, o A.A. espalhou-se pelo restante da Europa. A Irmandade também tem estabelecido cabeças de ponte em alguns países asiáticos industrializados.

O primeiro grupo de A.A. no Brasil foi estabelecido em 1947 mas, nos primeiros 15 anos, o crescimento do movimento foi muito lento (tabela 2). Desde os anos 60, o A.A. tem crescido firmemente e num ritmo impressionante. Nos anos 70, havia no Brasil uns 500 grupos e hoje o A.A. registra 5700 grupos com cerca de 120.000 membros.

O livro básico de A.A., o assim chamado Livro Grande, foi traduzido para o português em 1969. O português foi a quinta língua para a qual o Livro Grande foi traduzido. Antes de 1969, somente havia sido traduzido para o espanhol, francês, finlandês e alemão.

O A.A. se espalhou em ondas; a primeira onda de difusão levou o A.A. para o mundo anglo-saxão e para o mundo protestante. A segunda onda cobriu os países católicos americanos e europeus. É ainda muito cedo para julgar se estamos observando o início de uma terceira onda, durante a qual está indo para se espalhar pelo mundo industrializado, independentemente das tradições religiosas e culturais. Se isso acontecer, o A.A. pode ser interpretado como um fenômeno universal moderno.

O A.A. COMO UM MOVIMENTO: UMA FORMA ORGANIZACIONAL ÚNICA

O desenvolvimento normal dos movimentos sociais de longa duração mostra que são lentamente transformados a partir de um início, frequentemente carismático, e tornam-se mais burocráticos e profissionais. Numa medida sem precedentes, o

A.A. foi bem sucedido em criar uma organização que quebra a "lei de ferro da oligarquia". Bufe (1991) destacou o quão bem o A.A. levou para a prática os ideais organizacionais do pensamento anarquista clássico.

O pensamento da ciência social convencional tende a relacionar a eficácia organizacional com a estrutura burocrática. As organizações em que faltam uma estrutura centralizada e uma clara divisão do trabalho e do poder são olhadas como embriões de uma organização formal. Gerlach (1983) argumenta, no entanto, que estruturas celulares segmentadas podem ser organizações muito eficientes nas sociedades modernas. O sucesso de A.A. fundamenta fortemente o argumento de Gerlach.

O A.A. é baseado numa estrutura celular. Todos os grupos são autônomos e economicamente independentes, ao mesmo tempo em que estão abertos a qualquer um que deseje parar de beber. Os grupos crescem e morrem, proliferam e diminuem, dividem e se fundem espontaneamente. Todo o movimento é financiado por contribuições voluntárias e pela venda de literatura e os grupos decidem entre eles em que medida e para que propósitos desejam dar suporte às atividades a nível nacional.

O A.A. é também uma organização policéfala. Há uma quase total falta de qualquer estrutura central de tomada de decisões. Por outro lado, há muitos membros influentes competindo pela liderança que não se assenta predominantemente na posição do indivíduo na estrutura formal. Em todas as organizações, uma rede informal existe em paralelo com a estrutura formal, mas no A.A. a estrutura informal de prestígio é particularmente importante. Em A.A., o prestígio individual tem pouco a ver com a posição social na sociedade externa ao A.A. Os membros desfrutam de prestígio por causa da sua sabedoria, experiência de vida, trabalho realizado com as pessoas que ainda têm problemas com a bebida, engajamento prévio no serviço e habilidades na oratória. Choques de personalidade frequentemente levam os grupos a se dividirem, mas isso não cria uma ameaça à organização como um todo porque o A.A. cresce por ramificação. O A.A. não é absolutamente uma coleção amorfa de células; elas se juntam para formar uma complexa rede. Os membros visitam grupos da sua própria localidade ou de outros lugares, os grupos programam atividades conjuntas e há conhecidos oradores viajantes que atraem mais participantes do que as reuniões ordinárias. Conferências regionais e nacionais provêm a plataforma para membros proeminentes e fortalecem ainda mais a rede social.

Uma estrutura celular policéfala deste tipo tem muitas vantagens. O risco de um membro começar a beber é visto pelo A.A. como estando sempre presente, o que torna impossível construir uma organização em volta de membros em posições de poder. Pela sua natureza, uma estrutura policéfala evita potenciais disfunções para o movimento, ocasionadas pelo envelhecimento das lideranças, por conduta ilegal ou pela ossificação das estruturas hierárquicas. A estrutura celular também facilita a tarefa de alcançar diferentes grupos populacionais; nas grandes comunidades, há uma enorme variedade de grupos para o recém-chegado escolher de modo a capacitá-lo a ir para um grupo que se adapte à sua condição social, ideologia e personalidade.

Ao mesmo tempo, a estrutura celular aumenta a adaptabilidade do movimento a

diversas formas de atividade. As variantes mal adaptadas simplesmente desaparecem sem colocar o movimento, como um todo, em perigo. Se um grupo se divide ou acaba, os seus membros são absorvidos por outro grupo, enquanto um esforço bem sucedido pode ser repetido por outros grupos.

A estabilidade do A.A., a unidade e o caráter policéfalo são facilitados por diversas características da sua organização. O princípio da decisão por consenso, mais do que por maioria de votos, tende a prevenir a divisão em frações. O princípio da rotação é um outro fator que previne divisões. Um indivíduo pode ser eleito para servir a nível nacional por somente um período e isso significa que os conflitos usualmente não coincidem com os desentendimentos pessoais. O fato de que o A.A. não aceita ajuda econômica de fora contribui para manter o grupo e seus membros como o local primário de tomada de decisões. E a regra de que o A.A., como uma organização, não toma posições em assuntos exteriores ao movimento nem em questões ligadas ao cuidado com alcoólicos ou assuntos diretamente relacionados às atividades do movimento diminui a necessidade de mecanismos de tomada de decisão centralizada.

Os atributos estruturais e organizacionais acima descritos tornam o A.A. uma exceção entre todos os tipos de grupos e organizações de mútua-ajuda. De fato, que o A.A. tenha sido capaz de manter a sua estrutura fundamental não burocrática e não hierárquica por quase 60 anos por meio de tais princípios é o que o faz ser o mais interessante, como um movimento.

O PROGRAMA DE A.A. COMO UM CONJUNTO DE CRENÇAS E COMO UM PROGRAMA DE AÇÃO

O núcleo da formulação do programa de A.A. é apresentado nos DOZE PASSOS. Em si mesmos, os Doze Passos são, literalmente, um programa. Eles não formulam um código de conduta a ser interpretado, mas uma série de tarefas e problemas a serem resolvidos. Os Passos são frequentemente divididos em três grupos. Os primeiros três Passos - admitindo o alcoolismo, colocando a si mesmo nas mãos de Deus ou de um Poder Superior - são chamados Passos de Decisão. Os Passos de quatro a nove, voltados para mudar a relação com a sua vida, são chamados Passos de Ação. Os Passos de dez a doze são chamados de Passos de Continuação e de Manutenção.

O A.A. é baseado numa mistura especial de tradições escritas e orais. Ele difere de muitos outros movimentos de mútua-ajuda por possuir textos básicos altamente reverenciados que provêm uma moldura comum para os grupos, individualmente, e para os membros. Ao mesmo tempo, a tradição oral desempenha um papel mais significativo do que na maioria das organizações modernas (Gellman, 1964 p. 60). O papel da tradição oral está intimamente associado à ênfase do A.A. na experiência individual. Os textos básicos podem ser descritos como produtos da experiência individual e de grupo.

O Livro Grande de A.A. (1965, p. 59) apresenta os Doze Passos como uma descrição resumida do que os membros iniciais fizeram ("aqui estão os passos que tomamos") e como um "Programa sugerido de Recuperação". É também significativo que a maioria das páginas do Livro Grande sejam dedicadas a histórias individuais de recuperação. Desde o seu início, o A.A. foi baseado no

aprendizado pelo exemplo.

O papel da transmissão oral está relacionado ao fato de que o A.A. não formula regras de conduta mas, antes, métodos de comportamento e maneiras de falar. Os métodos de trabalho e as maneiras de falar são aprendidos não como regras gerais que possam ser escritas, mas pela prática através do exemplo e pelo uso, como modelos, dos membros mais experientes. Em AA, aprendem-se virtudes e sabedoria oriundas da experiência; não regras de boa conduta (MacIntyre, 1984). Regras de conduta podem ser formuladas da mesma forma que uma legislação escrita classifica as ações como permitidas ou proibidas. Mas virtudes como a fortitude, a sabedoria ou a serenidade não podem ser formuladas num conjunto de regras classificando as ações como corajosas, sábias ou serenas.

O papel do aprendizado pelo exemplo significa que há muito de cultural e mesmo de variação local no que é visto como um sistema de crenças de A.A. Há variantes extremamente doutrinárias e autoritárias mas também há variantes muito frouxas, abertas e liberais.

PERDA DO CONTROLE E A NATUREZA DO ALCOOLISMO

O pré-requisito para uma continuada condição de ser membro em A.A. é reconhecer a perda de controle sobre a própria vida por causa do álcool e identificar-se como um alcoólico. Enquanto os membros diferem em suas visões do alcoolismo, nós podemos identificar algumas crenças centrais do movimento (Eisenbach-Stangl, 1991b, 1991c).

O alcoolismo é uma condição explícita: "não há a condição de ser um pouco alcoólico. Ou se é ou não se é" (44 Perguntas, 1990, p. 8).

A fim de iniciar a recuperação, é preciso reconhecer pessoalmente o seu alcoolismo. O diagnóstico que vem de fora e a ajuda profissional não podem substituir a identificação pessoal. Este é o motivo pelo qual o A.A. não necessita de critérios codificados para caracterizar o alcoolismo. Em princípio, o diagnóstico de fora requer critérios objetivos. Contrariamente, o reconhecimento da impotência diante do álcool não depende de métodos codificados de diagnóstico.

A condição de ser um alcoólico é tão básica que pesa mais do que quaisquer outras diferenças individuais ou sociais. Esta crença tem significação estratégica para o A.A. desde que é o fundamento da igualdade básica dos membros. O A.A. é fundamentado na interação entre iguais que mutuamente reconhecem que são torturados pelo mesmo demônio (Eisenbach-Stangl, 1993). É mais sobre mútua-ajuda do que sobre autoajuda.

O progresso do alcoolismo pode ser detido, mas o alcoolismo, em si, é incurável. Uma abstinência por toda a vida é necessária desde que um alcoólico nunca pode voltar a beber moderadamente. "Uma vez alcoólico, sempre um alcoólico" (Livro Grande, 1955, p. 33). Na verdade, se um membro antigo é citado como tendo voltado a beber moderadamente, conclui-se, em primeiro lugar, que ele não era um verdadeiro alcoólico. Esta crença provê um maior suporte para a igualdade entre os membros. Embora os membros antigos sejam altamente respeitados por causa da sua experiência de vida sóbria, a fragilidade de serem alcoólicos os coloca na mesma condição de qualquer outro membro.

Deve ser acentuado que esses princípios centrais não são tanto para a descrição médica do alcoolismo como doença. Eles também dão espaço para uma considerável variação nas interpretações individuais. No início, o A.A. teve uma posição ambivalente em relação ao modelo médico do alcoolismo como uma doença. Por outro lado, os fundadores de A.A. geralmente evitaram o termo quase técnico de doença e usaram, no lugar dele, algum sinônimo como enfermidade (Kurtz, 1991). A sua ênfase estava na unidade da vida humana e na natureza tríplice do alcoolismo - física, mental e espiritual. Por outro lado, a literatura de A.A. é abundante em descrições do alcoolismo como uma doença. O alcoolismo é variadamente visto como uma "alergia física", mas também como uma "obsessão mental" (Livro Grande, 1955 p XXVI, 12+12, 1986, p 22). Vale assinalar que discrepâncias semelhantes existem nos textos médicos e psiquiátricos acerca do alcoolismo (Eisenbach-Stangl, 1991; Falk, 1975; Miller, 1986; Room, 1978).

No A.A. de hoje, alguns membros aderem a uma particular teoria científica acerca da natureza do alcoolismo, enquanto que outros focam na sua impotência existencial com respeito ao álcool. Qualquer que seja a ênfase, o programa de A.A. não está interessado nas causas do alcoolismo. A aplicação do programa difere das teorias médicas no mesmo sentido em que não se baseia nas técnicas dos especialistas apoiados na gênese da condição a ser tratada. Praticar o programa de AA é uma realização conjunta de iguais.

IDENTIDADE EXISTENCIAL E IDENTIFICAÇÃO

Anemia, hipertensão, depressão e adição, todas vêm em graus variáveis, mas a maioria das decisões clínicas é vista numa dicotomia. Não há linhas nítidas entre o beber normal e o beber dependente. Os diagnósticos categóricos são sempre arbitrários e servem ao imperativo prático da sua identificação como "casos para tratamento" (Rose, 1992). A partir de uma perspectiva diferente, mas de uma maneira igualmente categórica, a estratégia de A.A. requer que o membro assuma a identidade de ser um alcoólico.

A associação em A.A. é baseada na auto identificação. A própria resposta de A.A. à pergunta "porque o A.A. parece não funcionar para algumas pessoas?" segue da seguinte maneira: o "A.A. só funcionará para aqueles que admitem que são alcoólicos, que honestamente desejam parar de beber" (44 Perguntas, 1990, p. 31). Em toda a sua circularidade, a formulação acentua a importância de permanecer membro, da autodefinição existencial de ser um alcoólico.

A identificação com os membros é um aspecto importante no processo de afiliação. O papel da identificação é mostrado num estudo de acompanhamento de pacientes tratados nas instituições de abuso de substâncias em Michigan (Humphreys & Woods, 1993). Brancos de áreas em que residem predominantemente brancos e pretos de áreas em que residem predominantemente pretos mostraram maior probabilidade de frequentar um grupo de 12 Passos num período de um ano após o tratamento do que os indivíduos que eram minorias nas suas comunidades.

A estrutura celular de A.A. facilita a tarefa de alcançar diferentes grupos populacionais. Nas comunidades maiores, há uma grande variedade de grupos

para o recém chegado escolher, dando condições a ele ou a ela de se juntar a um grupo que corresponda ao seu ou à sua condição social, ideologia e personalidade. Aos recém-chegados é usualmente dado o conselho para que visitem tantos e diferentes grupos quanto for possível a fim de encontrarem um que se adapte melhor ao seu temperamento.

Por exemplo, os membros de origem hispânica de Los Angeles tendem a se agrupar em diferentes grupos de A.A. por nacionalidade, nível de educação e tempo de residência nos Estados Unidos (Hoffman, 1994). Os critérios de similaridade são, no momento, altamente variáveis. O teor das reuniões e as interpretações do sistema de crenças do A.A. frequentemente são tão importantes quanto a posição social em determinar a escolha de um grupo. O processo de auto seleção contínua e flexível é uma parte importante do funcionamento do A.A. como um movimento de ajuda mútua e serve como uma maneira informal e autogerida de "comparação de tratamento" que provavelmente está além do alcance de qualquer programa de tratamento profissional.

A REUNIÃO DE A.A. COMO UM EVENTO EM QUE SE FALA

Cada reunião de A.A. é um evento social único e nunca diretamente baseado no que aconteceu numa reunião prévia e nem implica em qualquer compromisso para futuras reuniões. O que acontece em uma reunião é o importante para aquela específica reunião; a reunião não tem um propósito comum além do processo da reunião em si. Os membros de A.A. compartilham entre si (expressam as suas experiências e sentimentos) e identificam-se uns com os outros (ouvem empaticamente) . Um grande valor é colocado na espontaneidade e na urgência em comunicar a experiência pessoal e em relacioná-la ao aqui e agora. Ainda mais, uma reunião de A.A. é um acontecimento social programado para o mesmo horário a cada semana, no mesmo local e no mesmo formato. A continuidade entre as reuniões fica por conta da repetição da agenda de reuniões, que usualmente permanece a mesma.

OS RITUAIS DE ABERTURA SEPARAM O TEMPO DESTINADO À REUNIÃO DO TEMPO LIVRE

A demarcação do tempo de reunião de A.A. do tempo de não-reunião é enfatizada por rituais de procedimento. Os rituais de abertura separam a reunião da interação mundana e antecipam a sua ordem específica de interação com o seu próprio sistema de depoimentos e modos de falar.

Os rituais de abertura consistem principalmente da leitura de textos da herança de A.A.. Acrescentando, pode haver um momento de silêncio e rituais físicos como o de dar as mãos. Todos os textos de abertura declaram a condição comum das pessoas presentes, o seu problema compartilhado - o alcoolismo. Ao longo da reunião, cada orador individualmente reitera o conteúdo principal do ritual da abertura feita em conjunto ao invocar a sua impotência com relação ao álcool. Na primeira vez em que um participante lê o texto, faz uma declaração ou fala, ele ou ela usam a fórmula de introdução: "eu sou (nome) e eu sou um alcoólico".

REGRAS DE DEPOIMENTO

A mais óbvia diferença entre as conversações diárias e uma reunião de A.A. é que nas reuniões de A.A. as rodadas de fala são pré-distribuídas (Sacks, 1974). O coordenador tem o direito de falar primeiro e de fazer curtas observações após cada fala e desta maneira pode ter um grande impacto no fluxo da reunião. A primeira fala, depois da rodada de abertura feita pelo coordenador, é usualmente algo mais longa do que o restante.

As regras de rodízio da dinâmica principal variam entre reuniões. Em reuniões pequenas, os participantes frequentemente falam segundo a ordem de assentos. No sistema de rodízio alternativo, pode ficar com o coordenador a decisão de selecionar o próximo que fala; aquele que faz o depoimento pode selecionar o próximo ou os participantes podem apresentar o seu desejo de falar elevando a mão. Todas as reuniões são organizadas em torno de muitos depoimentos, mais do que por pares de membros discutindo entre si. As rodadas não são seguidas de contestação ou respostas, como numa conversação normal. Ao contrário, as falas nas reuniões de A.A. não são na forma de conversa e o sistema de depoimentos é institucional.

Normalmente, não há limites na duração de um depoimento mas o tempo de reunião tende a ser dividido igualmente entre os participantes. A média de duração depende do número de participantes, uma vez que ordinariamente a duração de uma reunião de A.A. é limitada a uma ou duas horas. Se alguém fala por muito tempo, os outros participantes podem se tornar desatentos e inquietos, mas nenhuma sanção aberta é aplicada e falar longamente é correto se quem fala está seriamente perturbado. Se alguém usou muito tempo, os membros mais experientes que falariam depois, frequentemente, dão a sua vez para poupar tempo em favor dos participantes que podem necessitar mais urgentemente de usá-lo. Às vezes, um cronômetro é usado, mas as reuniões toleram falas de duração variável. Passar a sua vez é perfeitamente aceitável. Os membros podem frequentar a mesma reunião por longo período sem falar uma só palavra (Westerman, 1978). Neste aspecto, as reuniões de A.A. diferem de todas as versões de terapia de grupo.

As reuniões de A.A. são enfáticas no sentido de que as transgressões abertas das regras do discurso frequentemente são simplesmente ignoradas e, assim, não prejudicam a linha principal da reunião. O pesquisador de fora, por esta razão, não pode recorrer à técnica sociológica usual de determinar um conteúdo de normas descrevendo quais aberrações são contrapostas com sanções negativas. O seguinte sumário é baseado principalmente em reuniões na Finlândia onde todos falam por vez. Na base das observações das reuniões e entrevistas com os membros, as principais regras de fala podem ser simplificadas, como se segue (Mäkelä, 1992):

1. Não interromper a pessoa que está falando.
2. Falar das suas próprias experiências.
3. Falar tão honestamente quanto possível.
4. Não falar acerca de assuntos particulares das outras pessoas.
5. Não professar doutrinas religiosas ou dissertar sobre teorias científicas.
6. Falar sobre os seus problemas pessoais ao aplicar o programa de A.A., mas não pode tentar contestar o programa.

7. Não confrontar abertamente ou desafiar um depoimento prévio.
8. Não dar conselho diretamente a outros membros de A.A..
9. Não apresentar exposições acerca das causas do comportamento de outros membros de A.A..

As primeiras duas regras são as mais cruciais. A primeira regra dá apoio ao sistema não conversacional de depoimentos. A segunda regra restringe os tipos de depoimentos a autonarrativas. Na maneira de falar dos grupos, os membros compartilham as suas experiências, isto é, as relatam. Não obstante ser o tema da reunião um Passo, uma Tradição ou uma história pessoal, dos oradores é esperado que se refiram a elas através das suas próprias experiências. O modo de fazer os depoimentos é restrito a um tipo específico (autonarrativas), mas o seu conteúdo é livre. Isso leva a uma grande variedade de temas. Na prática real, a noção de experiência pessoal é, às vezes, interpretada de modo muito amplo. Pode ser possível contornar a proibição de falar sobre tópicos políticos discutindo os próprios sentimentos políticos.

A quantidade de referências aos depoimentos prévios varia de reunião para reunião e de cultura para cultura. De um modo muito geral, entretanto, pode-se dizer que um depoimento confirma os depoimentos prévios ou contém experiências opostas. "Os monólogos dos membros são colocados na mesa" com ou sem referência a qualquer coisa dita pelos oradores prévios. Uma pessoa pode relatar um recente evento traumático na sua vida. O próximo orador pode dizer alguma coisa trivial. Isso não significa que o membro traumatizado seja ignorado em favor de preocupações menores. Os membros não estão falando em continuação. O resultado líquido de uma noite de monólogos é nivelar os altos e baixos de todos os membros (Sadler, 1979 p. 391-302).

As regras do discurso têm que ser aprendidas pela prática. Se alguém quebra as regras, os oradores posteriores podem apresentar a sua própria experiência que indiretamente aponta para a natureza nãoortodoxa de um depoimento prévio. Se alguém parece falar de modo insincero, alguém pode relatar o problema que teve quando não era honesto consigo mesmo, mas nenhuma penalidade clara é normalmente aplicada durante a reunião pela quebra de qualquer uma das regras apresentadas acima. Após a reunião, observações mais diretas podem ser feitas.

"FACE" E POLIDEZ NAS REUNIÕES DE A.A.

A principal característica das reuniões de A.A. pode ser discutida em termos de face. Face é a autoimagem pública que cada membro de uma determinada cultura deseja para si próprio. Consiste de dois aspectos relacionados entre si, a face negativa e positiva. "A personalidade humana é uma coisa sagrada; não se deve ousar violá-la e nem violar os seus limites enquanto que, ao mesmo tempo, o maior bem é a comunhão com os outros. (Durkheim, 1953, p. 37). A face negativa se refere à liberdade de ação e à liberdade de imposição, isto é, "a vontade de cada membro adulto e capaz de que as suas ações não sejam impedidas por outros" (Brown & Levinson, 1987, p.61). A face positiva se refere ao desejo de ser reconhecido pelos outros, "a vontade de cada membro de ser desejável, pelo menos por algum dos outros" (Brown&Levinson, 1987, p. 61). Os rituais de abertura e a repetição do seu conteúdo principal por cada orador

criam um forte laço para o sentimento de unidade e de igualdade: todos os participantes estão na mesma situação, a somente um gole de um acidente súbito. A condição existencial comum cria uma atmosfera de polidez positiva e de solidariedade. Num nível mais técnico, entretanto, as regras de falar em reuniões de A.A. são arrançadas no sentido da polidez negativa - para honrar a necessidade do participante em relação à autonomia, mais do que para a sua necessidade de aprovação.

A proibição de uma conversa cruzada é uma importante regra que dá suporte à face negativa de quem faz o depoimento. Nas reuniões de A.A., o direito de falar da pessoa que está na cabeceira de mesa é respeitado ainda quando alguém teve problemas em completar o seu depoimento. Permitir a alguém optar por permanecer em silêncio também soma para honrar a sua face negativa. Além do mais, a falta de uma resposta negativa direta ao depoimento prévio protege a face negativa de todos os participantes.

Ao proteger todos os participantes contra violações da sua face negativa, as regras de falar em A.A. criam espaço para narrativas desmerecedoras e humilhantes, que, em outros contextos, significaria uma perda total da face. Em A.A., os membros tem que "desistir do seu medo de perder a face a fim de manter a face"(cf. Scollon & Scollon, 1981, p. 170). Ou como colocou um membro do A.A. finlandês: "o segredo de A.A. é que você tem a sensação de que "estes bastardos não estão, sequer, interessados em você". Ninguém em A.A. pergunta de onde você veio e para onde você está indo".

Na conversação ordinária, dar o retorno não é só um direito como é também uma obrigação; é parte da mesma administração requerida pelo envolvimento conversacional. Nas reuniões de A.A. falta o retorno negativo que desafia a face negativa do orador, mas muitos novatos também se sentem desconfortáveis acerca de não receber um retorno positivo. Nas palavras de um outro membro do A.A. finlandês: "o A.A. é como uma longa análise com o grupo agindo como analista; é importante que os membros não comentem entre si, mas que a cada membro seja permitido tirar as suas próprias conclusões".

As regras do discurso permanecem implícitas e devem ser aprendidas ao longo de um esperado período de tempo. Fora da reunião, os membros voltam ao reino da vida diária com as suas imposições morais ordinárias. A interação informal que existe antes e após a reunião é complementar à reunião e ajuda a fortalecer as relações sociais do grupo. Além do mais, os desentendimentos e as animosidades podem ser ventiladas sem ameaçar o formato da reunião.

CONCLUSÃO

A despeito de toda a variabilidade, uma reunião de A.A. é uma formação social muito particular. Não requer as mesmas predisposições e habilidades como as organizações burocráticas ocidentais, mas é também diferente das formas tradicionais de organização social espontânea. É informal e ainda assim é mais estruturada do que a maioria das reuniões informais. Tanto o depoimento quanto o tipo de fala agem como tipo de rodada que são institucionalmente restringidas. Em primeiro lugar, o sistema de A.A. de rodada é baseado em extensos depoimentos que excluem a discussão no sentido usual da palavra. Em segundo

lugar, os depoimentos dentro da reunião são delimitados às autonarrativas de um modo que restringe os comentários ao depoimento anterior. As regras de falar em reuniões de A.A., por esta razão, diferem da maioria das formas de terapia de grupo profissional. É também importante destacar que o estilo de confrontação e interpretativo das reuniões de 12-Passos, em qualquer instituição profissional difere das reuniões tradicionais em A.A..

PARA TERMINAR

É tempo de apresentar um sumário conclusivo da minha apresentação. O que eu tentei fazer na minha fala foi mostrar como os princípios organizacionais de A.A., o sistema de crenças de A.A. e o formato das reuniões de A.A., todos juntos, provêm espaço e suporte para a redefinição da identidade existencial e para a reestruturação do "self", que é a parte central do processo de A.A..

TABELA 1. Grupos de A.A. e membros no mundo em 1965 e 1988 por região, língua e cultura, em porcentagem.

Grupos Membros

1965	1988	
Estados Unidos e Canadá	81,1	59,9 59,1
Outros países de língua inglesa	8,3	6,1 5,0
Escandinávia	2,0	1,4 1,3
Outros países europeus	2,3	5,2 5,0
América Latina	5,7	26,8 29,1
Outros países	0,6	0,6 0,5
Total	100	100 100

TABELA 2. Grupos de A.A. e membros no Brasil.

Ano Grupos Membros

1947	1
1953	2
1964	29 2.500
1974	500
1979	1.300
1987	1.530 71.800
1997	5.710 120.000

Fonte: dados fornecidos pelo Escritório de Serviços Gerais do A.A. do Brasil

Muitas 24 Hs. SÓ POR HOJE!

Luizsereno